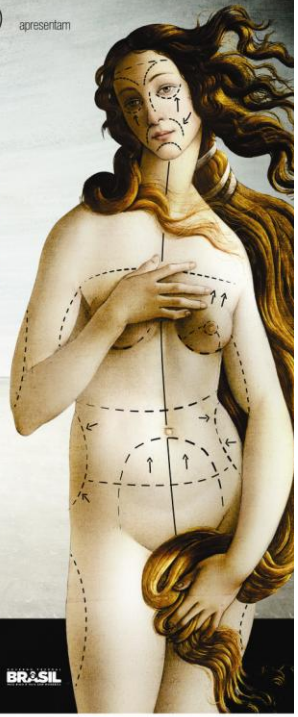


Ministério da Cultura



apresentam



DAANÇA PRA TODO MUNDO

f1d15 anos

fórum internacional de dança
bh.mg.brasil 2011

BRASIL • SINGAPURA • HOLANDA • BÉLGICA • MARROCOS

O CORPO QUE VAI A DANÇA QUE FICA

26 out a 2 nov

www.fid.com.br 31 3225 5070

Ingressos nos bilheterios dos teatros a partir de 14/10, exceto na Funarte MG (apenas nos dias de espetáculos)

Meia R\$2 Inteira R\$4

Ver classificação indicativa no site



CADERNO PARA IMPRENSA
Informações sobre todas as ações dos 15 anos do
FID Fórum Internacional de Dança
De 26 de outubro a 02 de novembro de 2011

INFORMAÇÃO PARA IMPRENSA E
AGENDAMENTO DE ENTREVISTAS



(31) 3485-7875 - imprensa@pessoacomunicacao.com.br



**O FID É SEU, É NOSSO, E A DANÇA É PRA TODO MUNDO!
Portanto, faça contato!
Vai ser ótimo ouvir e interagir com você!**

**Para informações, sugestões, críticas, depoimentos fale conosco
através dos canais:**

**www.fid.com.br
www.twitter.com/FIDanca
www.facebook.com/FIDBrasil/
(31) 3225-5070**

2

Projeto realizado por meio das Leis de Incentivo à Cultura: Federal, Estadual de Minas Gerais e Municipal de Belo Horizonte.

Apresentadores: Ministério da Cultura, Petrobras e Oi

Apoiadores: TV Globo Minas, Cemig/Governo do Estado de Minas Gerais, AeC, Caixa Econômica Federal e da Oi Futuro.

Realização: Atômica Artes e Tapioca Cultura

CD COM TEXTOS E IMAGENS FID 15 ANOS

3

**Informação para Imprensa e agendamento de entrevistas
PESSOA Comunicação e Relacionamento
(31) 3485-7875- imprensa@pessoacomunicacao.com.br
Erika Pessoa: (31) 9347-3993
laçanã Woyames: (31) 9226-8697
Gabriel Godoy: (31) 8881-0209
www.pessoacomunicacao.com.br**

1. Informações Gerais FID 15 anos _____	pág 5
2. Release Geral _____	pág 6
3. Programação para todo mundo _____	pág 9
4. FID 15 anos começou em setembro _____	pág 12
5. 15 anos dedicados à dança _____	pág 14
6. Mapa FID 15 anos – Países e cias que estiveram por aqui _____	pág 18
7. Linha do Tempo – 15 anos com dança para todo mundo _____	pág 19
Releases outras ações _____	
8. Oi Cabeça FID _____	pág 24
9. Cine FID _____	pág 26
10. ZAT 8 _____	pág 28
11. FID Território Minas – Projeto Mov Post _____	pág 31
12. FIDoteca _____	pág 33
13. FID Autobiografias _____	pág 34
Apresentações _____	
FID Território Minas – Projeto Mov Post _____	pág 37
ZAT 8 Zona Autônoma Temporária – Lynda Gaudreau _____	pág 40
FIDoteca _____	pág 42
Cia Mário Nascimento – Território Nu _____	pág 43
Jacqueline Gimenes – 6 Instantes de Solidão _____	pág 45
Michelle Moura - Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial – Cavalo _____	pág 47
Cie Anania/Taufiq Izeddiou – Aaleef _____	pág 50
Oi Cabeça FID – “Corpos nas redes sociais” com Daniela Kutschat e Coletivo Movasse _____	pág 52
Cie Anania/Taufiq Izeddiou – Âataba _____	pág 54
Denise Stutz e Felipe Ribeiro – Espalha para Geral _____	pág 56
TheatreWorks – The Continuum: Beyond The Killing Fields _____	pág 58
Cine FID “Dominique Mercy Dance Pina Bausch” e “Josef Nadj – Última Paisagem” _____	pág 68
Jefta van Dinther – Kneeding _____	pág 70
Rosas – Rosas danst Rosas _____	pág 75
Rosas – En Atendant _____	pág 81



1 - INFORMAÇÕES GERAIS FID 15

FID 15 anos

FID Fórum Internacional de Dança

Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Programas FID Conexão InterNacional, FID Território Minas, FIDinho, Oi Cabeça FID , FIDoteca, ZAT 8 e Cine FID, somente em Belo Horizonte, e FID Autobiografias em São Paulo.

Período: de 26 de outubro a 2 de novembro de 2011

Ingressos: Todas as apresentações terão ingressos vendidos a preços simbólicos, sendo R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada).

Eventos gratuitos: A FIDoteca, o Oi Cabeça FID, Cine FID e FID Autobiografia são gratuitos e abertos ao público.

Informações para o público geral: (31) 3225-5070, info@fid.com.br, www.facebook.com/FIDBrasil, www.twitter.com/FIDanca, www.fid.com.br

FID 15 ANOS: O CORPO QUE VAI. A DANÇA QUE FICA

FID Fórum Internacional de Dança traz a Belo Horizonte, de 26 de outubro a 2 de novembro, companhias do Brasil, Bélgica, Holanda, Marrocos e Singapura. Referência mundial em dança contemporânea, o Grupo Rosas está entre as atrações com apresentação inédita na capital mineira.

Apresentado pelo **Ministério da Cultura, Petrobras e Oi** e realizado pela **Atômica Artes e Tapioca Cultura**, o **FID 2011** completa **15 anos**.

Nesta edição, o Fórum reafirma seu compromisso de trabalhar pela difusão, reflexão e formação de novos públicos e criadores no campo da dança. O evento, **começou em setembro, com o programa FID Circulando Grande BH** que levou a 3 centros culturais atividades em dança contemporânea. Na segunda etapa, que vai de **26 de outubro a 2 de novembro de 2011**, acontece uma **intensa programação** que faz parte dos programas **FID Território Minas, FID Conexão InterNacional e FIDinho**. Ao todo, serão **18 apresentações de 8 companhias de nacionalidades diferentes (Brasil, Singapura, Holanda, Bélgica e Marrocos)**, e atividades como o **Cine FID, FIDoteca, Oi Cabeça FID e ZAT 8**. Além disso, neste ano o Fórum promove o **FID Autobiografia**, em parceria com o Teatro Universitário – TUCA de São Paulo.

6

Além do **Ministério da Cultura, Petrobras e Oi**, o **FID 15 anos** conta com o apoio da **TV Globo Minas, Cemig/Governo do Estado de Minas Gerais, AeC, Caixa Econômica Federal e Oi Futuro**. O evento é realizado por meio das Leis de Incentivo à Cultura: Federal, Estadual de Minas Gerais e Municipal de Belo Horizonte.

Produzido pela **Atômica Artes**, de **Adriana Banana**; e pela **Tapioca Cultura**, de **Carla Lobo** - respectivamente diretora artística e diretora executiva do FID - ; o evento apresenta neste ano as companhias: **Rosas** (Bélgica), **TheatreWorks** (Singapura), **Jefta van Dinther** (Holanda), **Cie Anania/Taoufiq Izeddiou** (Marrocos) e as brasileiras **Mário Nascimento** (BH), **Jacqueline Gimenes** (BH), **Denise Stutz e Felipe Ribeiro** (RJ) e **Michelle Moura - Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial** (Curitiba).

“A programação de 2011 contará com criadores e grupos consagrados, assim como jovens artistas”, descreve Adriana Banana, diretora artística do FID. Entre as companhias, Adriana ressalta o **Rosas de Anne Teresa De Keersmaeker, da Bélgica**, reconhecida como referência da dança contemporânea mundial: “Esbanjando rigor, sofisticação e inteligência, o Rosas é uma das companhias mais prestigiadas no cenário internacional de dança. A exuberância estampada em seus quase 30 anos de existência está na complexidade de suas coreografias e no vocabulário marcados pelas relações entre música e lógicas matemáticas como, por exemplo, a série de Fibonacci e a seção áurea. São lógicas operando como princípios organizativos nas mais de 40 obras de Anne Teresa. Uma trajetória que ousa não se acomodar, somada aos subsídios financeiros daquele país (investimento imprescindível para o trabalho artístico), só poderia resultar no risco de produzir fartura de preciosidades”, descreve a diretora artística do FID, Adriana Banana.

Anne Teresa De Keersmaeker, a quem Adriana Banana se refere, é diretora e coreografa do Rosas e também responsável pela escola **PARTS - Performance and Arts Researching Training Studios**. **Keersmaeker** é considerada mundialmente uma das coreógrafas mais proeminentes na história da dança. No FID 15 anos o Rosas fará duas apresentações - **“Rosas danst Rosas”** e **“En Atendant”**, nos dias **1º e 2 de novembro**, respectivamente no Sesc Palladium e Palácio das Artes.

7

Aliás, levar ao público espetáculos diferentes de uma mesma companhia é uma ação tradicional do FID que gera um diferencial para o público que acompanha o evento, uma vez que possibilita uma compreensão mais aprofundada e menos superficial das propostas e trajetória artísticas dos grupos e artistas convidados através de espetáculos que retratam momentos distintos dos grupos. A respeito disto, Adriana Banana ressalta: “Com a possibilidade de conhecer mais de uma peça do mesmo artista, o público passa a ter parâmetros pertinentes ao universo daquele artista. Isto significa que o público passa a ter ferramentas para produzir julgamentos mais consistentes e inteligentes já que é munido de informações. Junto com os gostos pessoais do tipo ‘gostei ou não gostei’ o público também vai aprendendo a ter prazer em refletir sobre dança, pois ele passou a ter instrumentos para isso. Não há como exigir algo do público sem lhe oferecer as condições necessárias. Ver mais de uma peça do mesmo artista também é importante porque o público pode ter uma visão mais abrangente das proposições artísticas destes grupos. Uma obra artística não é feita de momentos isolados, o pensamento artístico não se reduz a um único momento, pois não se trata de uma lógica consumista. Ao contrário, não apenas o corpo da dança, mas todo corpo não é mercadoria”, diz a diretora, afirmando ainda que além do grupo **Rosas** (Bélgica) a

Cie Anania/Taoufiq Izeddiou (Marrocos) também apresentará mais de uma peça de seu trabalho.

Para as diretoras do FID é uma grande oportunidade ter um grupo como Rosas no FID 15 anos. “Belo Horizonte será palco de um dos grandes nomes da dança contemporânea mundial. Uma chance rara, principalmente, pela acessibilidade do ingresso, subsidiados via Leis de Incentivo a Cultura. Estamos muito felizes de trazer a nossa cidade o Rosas, especialmente nesta que é uma edição comemorativa do FID. Na verdade temos muito orgulho de, na trajetória do FID Fórum Internacional de Dança, ter conseguido trazer pela primeira vez a Belo Horizonte referências da dança contemporânea como Trisha Brown, Louise Lecavalier, e artistas de uma outra área como a cantora Diamanda Galas e tantos outros, que colocaram nossa cidade no circuito internacional de dança contemporânea”, destaca Carla Lobo, diretora executiva do evento.

Com a proposição “O corpo que vai. A dança que fica”, os ingressos do FID 15 anos são vendidos a preços, subsidiados, R\$ 4,00 (quatro reais) inteira e R\$ 2,00 (dois reais) meia entrada. “Acreditamos que a dança tem que ser para todo mundo, por isso, como recebemos incentivo público, gerado pelo dinheiro dos contribuintes, queremos retornar este investimento para a cidade, oferecendo ao cidadão de BH condições de acesso a espetáculos e companhias que dificilmente viriam ao Brasil, ou a Minas Gerais; especialmente com preços populares”, conta Carla Lobo. “Fazer o FID é saber que contribuimos para a história da dança contemporânea em Belo Horizonte e também no Brasil, ao mesmo tempo em que geramos acessibilidade a qualquer pessoa interessada, é motivo de felicidade e orgulho”, resume Carla.

8

Além dos espetáculos a preços populares, o FID 15 anos tem uma programação **aberta ao público e gratuita: FIDoteca, Oi Cabeça FID e Cine FID.** Já o **ZAT 8** é direcionado a artistas e teve sua seleção pública realizada em setembro de 2011.

Para mais informações e detalhes sobre a programação, basta entrar em contato através do telefone (31) 3225-5070, do site www.fid.com.br, do e-mail info@fid.com.br, ou, ainda, através das redes sociais: www.facebook.com/FIDBrasil, www.twitter.com/FIDanca

3 - PROGRAMAÇÃO PRA TODO MUNDO

FID 15 ANOS: DANÇA CONTEMPORÂNEA EM UMA PROGRAMAÇÃO PRA TODO MUNDO

Em 26 de outubro, começa a 2ª etapa do FID Fórum Internacional de Dança com espetáculos que fazem parte dos programas **FID Conexão InterNacional**, **FID Território Minas** e **FIDinho**; além das ações da **FIDoteca**, **Cine FID** e **Oi Cabeça FID**. Além de Belo Horizonte, São Paulo terá o **FID Autobiografias**.

Abrindo a programação, nos dias 26 e 27 de outubro, às 21h, no Teatro Oi Futuro Klaus Vianna, a **Cia Mário Nascimento** (BH) estreia a peça **“Território Nu”**. “O espetáculo traz uma reflexão sobre o que é território, refletindo sobre as noções de espaço – físico ou interior - e sua interligação. Além de discutir, as relações de poder que existem no próprio corpo, utilizando o conceito de território formulado pelo geógrafo Milton Santos”, explica Adriana Banana.

9

Já nos dias 27 e 28, na FUNARTE MG, o FID traz um programa duplo com **Jacqueline Gimenes** (BH) apresentando **“6 Instantes de solidão”** e **Michelle Moura - Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial (Curitiba)** com o espetáculo **“Cavalo”**, às 19h no dia 27 e às 19h30, no dia 28. “Jacqueline é uma das mais destacadas dançarinas na história do Grupo Corpo, e esta criação tem coreografia de Rodrigo Pederneiras (BH) e música tocada ao vivo, pelo violoncelista Antônio Viola. Já a jovem Michelle mostra um espetáculo que vem chamando atenção do público, críticos e profissionais da dança como a francesa Emmanuelle Huynh, diretora do Centro Coreográfico de Angers, que já participou do FID em duas edições”, realça Banana.

O FID traz ainda o espetáculo **“The Continuum: Beyond The Killing Fields” do TheatreWorks de Singapura**, nos dias 29 e 30 de outubro, às 19h, no Teatro Sesiminas. Concebido por Ong Keng Sem, diretor artístico, e ensaiado dentro do complexo de templos antigos de Angkor, no Camboja, o espetáculo conta as histórias de como quatro artistas, três bailarinas clássicas e um mestre de fantoches do teatro de sombras, sobreviveram aos campos de trabalho do Khmer Rouge na província de Battambang, durante a ditadura do Camboja de Pol Pot e Khmer Rouge, entre 1975 e 1979. As histórias são contadas através de dança, música e teatro de bonecos. “É uma dança documentário que conta com

dançarinos sobreviventes de um dos regimes ditatoriais mais violentos na história”, descreve a diretora artística do FID.

A **Cie Anania/Taoufiq Izzediou** (Marrocos) participa do FID com dois espetáculos nos dias 27 e 28 de outubro, 20h e 21h, e 29 e 30, às 21h, “**Aaleef**” e “**Âataba**”. “O primeiro é um solo dançado pelo próprio e o outro um trabalho de grupo que conta com cinco mulheres. São trabalhos fortes, carregados por uma visceralidade política expondo uma sufocante condição feminina em meio a culturas excludentes junto a um capitalismo e cultura do consumo pelo consumo”, detalha Adriana Banana.

Ainda na programação do FID 15 anos, **Jefta van Dinther** (Holanda), que conta com o trabalho do brasileiro, também coreógrafo, Tiago Granato. “**Kneeding**” estará nos palcos da FUNARTE MG, nos dias 1º e 2 de novembro, às 19h, e traz uma coreografia pensada para três dançarinos homens. A proposta é explorar as relações entre o que acontece fora e dentro do corpo, como os processos internos se manifestam do lado de fora e como o exterior influencia o que está dentro. Nesse movimento, os dançarinos se envolvem em um ambiente em contínua mudança e o público é testemunha dos acontecimentos, complacentes do que ocorre e, por vezes, participantes do que se materializa diante deles.

10

Já nos espetáculos do grupo Rosas (Bélgica), “**Rosas danst Rosas**” marca a fundação do grupo, em 1983. A peça será apresentada no dia 1º de novembro, às 20h30. Entre os destaques deste trabalho, a música, de Thierry De Mey (inventor do maximalismo, videomaker e propositor de instalações de dança) e Peter Vermeersch composta em conjunto com a criação da coreografia. “Essa relação especial entre dança e música é baseada em lógicas e padrões da matemática como a seção áurea e a série de fibonacci. Esta é a força matriz por trás deste espetáculo, uma constante no trabalho de Anne Teresa De Keersmaeker”, diz Adriana. Já “**En Atendant**”, apresentada no dia 2 de novembro, às 20h30, tem como ponto de partida a Ars Subtilior, uma forma de música polifônica complexa baseada em dissonância e contraste, desenvolvida nas ruínas da “peste” e da Igreja, numa época (século XIV) em que os pilares sociais, políticos e religiosos da sociedade medieval estavam fragmentados. Nos dias de hoje, este rompimento parece mais relevante do que nunca. A complexidade da música, executada ao vivo, requer extrema destreza de seus intérpretes e sinaliza algo diferente na história de Anne Teresa. “**En Atendant**” opera nas respirações, na ausência e surfa em ondas lógicas de incompletude”, diz Adriana.

Outra programa que faz parte desta segunda etapa é o **FIDinho, com apresentações voltadas para o público infantil**. Criado em 2008, este programa nasceu em torno da necessidade de promover a dança contemporânea junto às crianças, atraindo-as, bem como seus pais, para o mundo cultural. Na programação deste ano, **Denise Stutz e Felipe Ribeiro do Rio de Janeiro** apresentam o espetáculo **“Espalha para Geral!”**, no Teatro Marília, nos dias 29 e 30 de outubro, às 16h. Interessados no imaginário das crianças de hoje em dia, ao longo de 50 minutos a dupla faz do palco um universo em que cabe desde a mais simples brincadeira de rua a sofisticados jogos de tecnologia.

Além dos espetáculos, a programação do **FID 15 anos** contará, ainda, com **ações gratuitas e abertas ao público**. O **Oi Cabeça FID - “Corpos nas redes sociais”** que será realizado no dia 27 de outubro, às 19h30, no Multiespaço Oi Futuro. A partir do projeto **Mov Post**, bolsista 2011 do FID Território Minas, a professora e artista plástica Daniela Kutschat vai discutir e comentar experiências de corpo nas redes sociais em conjunto com o Coletivo Movasse.

Já no dia 29 de outubro, às 19h, também no Multiespaço Oi Futuro será exibido, no **Cine FID**, o documentário **“Dominique Mercy dança Pina Bausch”** (2003) e **“Josef Nadj – Última Paisagem”** (2006). Além disso, cumprindo seu papel de fomentador cultural, o FID disponibiliza para o público vídeos da **FIDoteca**, acervo com imagens de apresentações de toda a trajetória do evento neste 15 anos de história, disponibilizando mais de 150 títulos de espetáculos que já passaram pelo FID.

11

Com a proposição **“O corpo que vai, a dança que fica”**, os ingressos para os espetáculos apresentados no FID 15 anos são vendidos a **preços simbólicos de R\$ 4,00 (quatro reais) inteira e R\$ 2,00 (dois reais) meia entrada**, nas **bilheteiras dos teatros**. O **ZAT 8** é direcionado a artistas e teve sua seleção pública realizada em setembro de 2011. **As ações FIDoteca, Oi Cabeça FID e Cine FID são abertas ao público e gratuitas.**

Para mais informações e detalhes sobre a programação, basta entrar em contato através do telefone (31) 3225-5070, do site www.fid.com.br, do e-mail info@fid.com.br, ou, ainda, através das redes sociais: www.facebook.com/FIDBrasil, www.twitter.com/FIDanca

4 - FID 15 anos começou em setembro

FID CIRCULANDO GRANDE BH E FID TERRITÓRIO MINAS DERAM O PONTAPÉ INICIAL À COMEMORAÇÃO DE 15 ANOS DO FID

Além de levar espetáculos a três centros culturais de Belo Horizonte como parte do programa FID Circulando Grande BH, Fórum já desenvolve desde agosto ações do grupo Movasse, bolsista do FID Território Minas com o projeto Mov Post e inscrição para o residencial ZAT 8 com a coreógrafa Lynda Gaudreau.

Desde agosto, a cidade de Belo Horizonte já respira a dança contemporânea com as ações do FID em comemoração aos seus 15 anos. Dentro de sua programação, o FID já realizou o programa **FID Circulando Grande BH**. Entre os dias 21 a 29 de setembro, o espetáculo “Dança, criação e contemporaneidades – em processo!” da Companhia Terceira Dança, bolsista do FID Território Minas de 2010, circulou por três centros de culturais da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte: Alto Vera Cruz, Salgado Filho e Zilah Spósito.

12

Além das apresentações da Cia Terceira Dança, o FID Fórum Internacional de Dança colocou no ar o projeto bolsista do FID Território Minas 2011: o **Mov Post**, pesquisa do **Grupo Movasse**.

Outro projeto que será realizado nesta segunda etapa do FID é o **ZAT 8 – Zona Autônoma Temporária** que tem como assunto de pesquisa o “**Corpo Alucinado**”. De 21 a 30 de outubro, 15 artistas inscritos e selecionados no projeto participarão de um trabalho de imersão coletiva com a coreógrafa, Lynda Gaudreau, da Cie De Brune (Canadá), que já se apresentou no FID duas vezes, em 2000 e 2002.

Bolsista do programa **FID Território Minas**, o coletivo Movasse promete continuar movimentando as redes sociais durante todo o **FID 15 anos** com o projeto **Mov Post**. A proposta é estimular as pessoas usarem o corpo, a linguagem utilizando as redes sociais através de vídeos, utilizando o Facebook. O intuito é aproximar a dança das pessoas, levando-as a perceber o quanto o movimento está presente em suas vidas e também visa desfazer a idéia de que esta manifestação só existe em espaços convencionais ou formatos mais difundidos tais como teatros, videodanças ou performances muito elaboradas e estruturadas. Qualquer pessoa poderá participar respondendo com seu próprio vídeo os Mov Post’s no perfil do projeto: <http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002782262571>

Finalizando o período da criação inicial do projeto Mov Post, será feita três intervenções no foyer de um teatro elegido pelo FID. No dia 26 de outubro, quarta-feira, às 19h a intervenção acontece no Teatro Oi Klauss Vianna. Já no dia 30 de outubro, domingo, será às 17h no Teatro Sesiminas. E fechando no Palácio das Artes no dia 2 de novembro, às 18h30. Nos teatros ficarão expostos, através de computadores conectados à rede, os Mov Post's iniciais e seus comentários no Facebook do Movasse. Além disso, haverá à disposição uma câmera para que qualquer observador possa registrar seu Mov Post instantâneo e postá-lo na rede.

Com o tema “**O corpo que vai, a dança que fica**”, os ingressos para os espetáculos apresentados no FID 15 anos são vendidos a **preços simbólicos de R\$ 4,00 (quatro reais) inteira e R\$ 2,00 (dois reais) meia entrada**, nas **bilheterias dos teatros**. O ZAT 8 é direcionado a artistas e teve sua seleção pública realizada em setembro de 2011. **As ações FIDoteca, Oi Cabeça FID e Cine FID são abertas ao público e gratuitas.**

Para mais informações e detalhes sobre a programação, basta entrar em contato através do telefone (31) 3225-5070, do site www.fid.com.br, do e-mail info@fid.com.br, ou, ainda, através das redes sociais: www.facebook.com/FIDBrasil, www.twitter.com/FIDanca

FID COMEMORA 15 ANOS DEDICADOS À DANÇA, AO CORPO E A SOCIEDADE

Com 15 anos de atuação, FID coloca Belo Horizonte no cenário internacional da dança contemporânea

Ao celebrar 15 anos em 2011 o FID Fórum Internacional de Dança reafirma seu compromisso e papel cidadão, como explica a diretora artística, Adriana Banana: “O FID comprovou ao longo destes anos sua missão de popularizar a dança: formamos platéias, estimulamos o nascimento de novos grupos de dança, assim como coreógrafos; co-produzimos diversos trabalhos e, além disso, conseguimos nesta trajetória trazer a Belo Horizonte espetáculos de 25 países a preços acessíveis. Estamos certas de que incluímos a capital mineira no circuito internacional da dança contemporânea, antes com oportunidades restritas apenas ao eixo Rio-São Paulo. Assim, estamos fazendo valer nossa proposta de que a dança é pra todo mundo”, diz Adriana Banana explicando a importância das empresas que, neste tempo, acreditou no projeto e investiu nele. “É importante ressaltar que só podemos fazer um evento como o FID porque temos importantes patrocínios via leis de incentivo. Isso nos possibilita, também, praticar preços de ingressos tão acessíveis já que entendemos que, por realizar o evento com dinheiro público, de certa forma estes ingressos já foram pagos pela sociedade através de impostos”, conta Adriana

14

A diretora artística do FID explica, ainda, que os princípios que norteiam o FID Fórum Internacional de Dança estão nítidos em sua trajetória, e no evento que é, na verdade, uma postura, um entendimento de dança, de corpo e de mundo, o que é bem diferente de ser apenas uma nomenclatura. “O FID é um pensamento em ação. Dessa forma, suas ações são indicações de políticas públicas, propostas pela sociedade civil”, conta.

Nascido em 1996 como festival, o FID mudou sua nomenclatura para fórum em 2001, ao amadurecer sua proposta através de seus vários desdobramentos e inclusão de novos programas, como o FID Circulando Grande BH, FID Território Minas, FID Editorial, FIDinho e tantos outros. O FID não só se manteve no cenário cultural por todos estes anos como formou um público diversificado e plural para dança contemporânea mineira. Também mostrou que, assim como qualquer

matéria escolar como sociologia, matemática ou português, a dança também precisa de um período de alfabetização, de conhecimento, questionamento, estranhamento para ser melhor compreendida, criticada, elogiada ou refutada. Para que esse conhecimento aconteça, portanto, é necessário que haja uma frequência no contato com dança”, diz Banana.

“Nesse arco de 15 anos, o FID colaborou para uma excelência da dança mineira reconhecida nacional e internacionalmente, sendo que o FID Território Minas, um de seus programas, se tornou um selo, um atestado de qualidade e inovação. O FID Território Minas lançou muitas companhias e é coresponsável por um mercado de trabalho crescente em dança e na cultura. Tudo isso, partindo do entendimento de dança como produção de conhecimento – assim, incorporando novos sentidos e contribuindo em ressaltar as qualidades do estado de Minas Gerais para os próprios mineiros, para o Brasil e o mundo”, relembra Carla Lobo, diretora executiva do FID.

O FID 15 anos chama atenção, ainda, para a responsabilidade de todos (público, imprensa, dançarinos, cias) pela dança que se mantém, dentro do pensamento proposto para este ano: *O corpo que vai. A dança que fica*. “É necessário entender que todo o corpo está implicado em um processo histórico de continuidade, e não apenas o corpo do dançarino. Qualquer corpo que entra em contato com a dança, fica envolvido neste processo. O corpo envelhece, morre, mas a dança permanece. É o caso, por exemplo, do espetáculo “The Continuum: Beyond The Killing Fields” da Cie TheatreWorks de Singapura, que conta com a bailarina artista mestra Em Theay, bailarina-professora do Cambodian Royal Classical Dance e sobrevivente do Khmer Rouge. Se ela não tivesse sobrevivido, a dança tradicional cambojana teria morrido, então, todo ‘corpo antes de ir’ é um replicador cultural. De corpo em corpo, a dança vai replicando e portanto, ficando. Isso significa que é crucial o cuidado com todo corpo porque dele depende a replicação e permanência das culturas. Em Theay é a dançarina que sobreviveu a todas as piores adversidades e portanto, o legado que ela deixa a outras gerações ajunta aquela dança do Camboja e a indizibilidade do testemunho de um massacre. O corpo envelhece, mas a dança é memória que fica. Na verdade todo corpo envelhece, todos nós morreremos, mas a dança pode continuar a existir em outros corpos. Esta possibilidade de continuidade dá outra dimensão e significado para a morte. A dança, ao contrário do que é dito e pensado, não é efêmera, mas o oposto disso, ela é o que realmente permanece”, reflete Banana.

O início

Em 1996, nascia em Belo Horizonte, o FID. Com a denominação de Festival Internacional de Dança, o projeto em sua 1ª edição apresentava oito companhias,

sendo seis delas internacionais. O FID apenas engatinhava, mas já mostrava a que vinha: trabalhar pela difusão, reflexão e formação de novos públicos e criadores no campo da Dança Contemporânea.

O 15º aniversário do FID, também marca os 15 anos de atuação de Carla Lobo, arquiteta por formação, como produtora cultural. “Tinha acabado de chegar da Holanda, onde morei por seis meses, numa tentativa de fazer um estágio num dos maiores escritórios de arquitetura do mundo. Já de volta, trabalhando no mesmo escritório de arquitetura onde estagiei por quatro anos e fui arquiteta durante um ano, minha grande amiga Adriana Banana me chamou para ajudá-la na realização do evento que tinha recém-criado, o FID, que na época era ainda Festival Internacional de Dança, hoje Fórum Internacional de Dança. Com uma ideia ousada, inovadora e de grande porte, Adriana começava a elaborar o FID 96, inscrevendo o projeto nas leis de incentivo, contatando companhias de dança e possíveis parceiros e iniciando o planejamento da produção. Assim, caí na área de produção cultural!” (Carla Lobo, Diário de Produção, 2009, p. 16).

Com o amadurecimento do projeto, as diretoras Adriana Banana e Carla Lobo viram-se obrigadas a encontrar um novo nome para o FID, que em 2001 foi rebatizado para Fórum Internacional de Dança. Até a edição do ano passado (2010), o FID já havia trazido ao Brasil, especialmente a Belo Horizonte, **companhias de 28 países, dos sete continentes** (Américas do Sul, Central e Norte, África, Europa, Ásia e Oceania) em **337 apresentações, além de oficinas, residências artísticas, mostras de vídeos, palestras e debates, exposições, lançamento e publicação de livros, laboratórios e o ZAT (Zonas Autônomas Temporárias)**.

No seu terceiro ano de atuação, o FID começava a se desdobrar em diferentes programas, que até hoje atuam em sinergia. Em 1998, surgia o FID Território Minas (TM), catalisador da produção emergente no Estado, que divulga e dá suporte a grupos e artistas mineiros. Uma das ações FID TM é o Projeto Bolsista, que incentiva e oferece bolsa de pesquisa para diversos criadores de Minas Gerais. Já em 2005, foi criado outro braço do FID, o FID Circulando Grande BH com o intuito de viabilizar o acesso, inclusão e troca com áreas desatendidas, sem equipamentos de cultura ou acesso à agenda de programações culturais. A estratégia adotada foi a de promover a circulação de apresentações, oficinas e mostras de vídeo por territórios urbanos da região metropolitana, envolvendo principalmente companhias e profissionais de Belo Horizonte.

Já em 2008, ao encontro da proposta do FID de formar novos públicos, estreava o FIDinho, que levava espetáculos apropriados e adaptados para o público infantil. Dessa maneira, o FID é formado por quatro principais programas: FID Território

Minas, FID Circulando Grande BH, FIDinho e FID Conexão InterNacional, esse último com atrações do Brasil e exterior.

Mais do que trazer companhias consagradas no cenário da dança contemporânea, o FID Fórum Internacional de Dança viabiliza o acesso a um público bastante diversificado, com entradas a todos os espetáculos com preços populares ou mesmo gratuitos. Na última edição, por exemplo, o público teve a oportunidade de conferir a apresentação da canadense Louise Lecavalier, ex-integrante da Companhia La La La Human Steps, por apenas R\$ 2,00 (inteira) e R\$ 1,00 (meia-entrada). O espetáculo “Children & A Few Minutes of Lock” foi apresentado no Teatro Oi Futuro Klaus Vianna, que teve casa cheia nos dois dias.

Também em 2010, o FID levou a Praça da Liberdade, “Early works”, da coreógrafa Trisha Brown, dos EUA, que reúne diversas peças feitas para espaços públicos. Os belo-horizontinos não precisaram pagar entrada para assistir a apresentação de coreografias da conceituada companhia norte-americana concebidas nos anos 60 e 70. “A dança é para todo mundo”, resume Adriana Banana.

Para a diretora artística, todos esses anos de atuação do FID foram imprescindíveis para a formação de um novo público da dança contemporânea. Carla Lobo compartilha do mesmo ponto de vista de Adriana Banana e ainda esclarece que o amadurecimento do FID, só se tornou possível graças à aceitação e retorno do público. “A permanência do Fórum, com todos os seus desdobramentos, se deve ao carinho e sentido de pertencimento das pessoas com o projeto, sobretudo por seu caráter plural de ser, ao mesmo tempo, um projeto estético, ético, político, social e cultural”, garante.

17

FID em números, estatísticas 1996 - 2010

Apresentações de espetáculos: 337

Grupos nacionais e locais: 118

Grupos internacionais: 50

Palestras e debates: 67

Mostra de vídeos: 11

Oficinas: 87

ZAT - Zonas Autônomas Temporária: 6

Laboratórios: 11

Bolsas de pesquisa / coproduções: 26

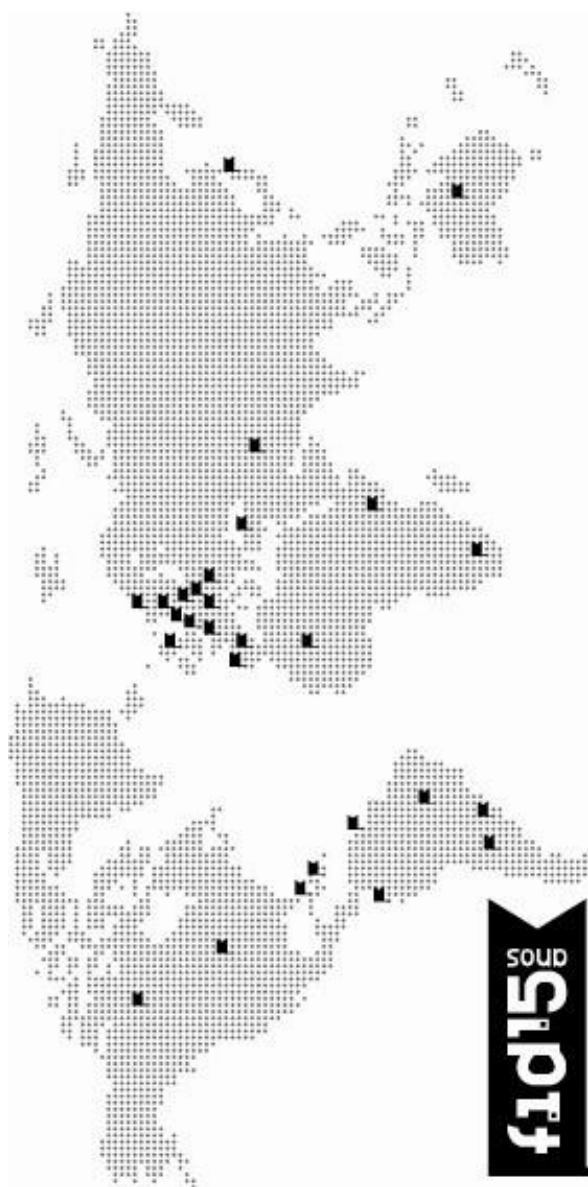
Lançamentos de livros: 9

Publicações de livro pelo FID Editorial: 2

Exposições: 2

Residências artísticas: 2 (com 40 artistas participantes de vários países)

6 – MAPA FID 15 ANOS – PAÍSES E CIAS QUE ESTIVERAM POR AQUI



Os 15 anos do FID são seus, são nossos e da dança de 28 países.

Brasil . África do Sul . Alemanha . Argentina . Austrália . Áustria . Bélgica . Canadá . Cuba . Dinamarca . Equador . EUA . Eslovênia . Espanha . França . Guiana Francesa . Haiti . Holanda . Irã . Japão . Mali . Noruega . Portugal . Quênia . Reino Unido . Suíça . Uruguai . Turquia

1996

Nascimento do FID, sob a denominação de Festival Internacional de Dança. O evento foi criado com o compromisso de trabalhar pela difusão, reflexão e formação de novos públicos e criadores no campo da dança contemporânea. Neste ano o Fórum foi realizado em Belo Horizonte e também na capital paulista. Na programação, workshops de dança, mostra de vídeos, além de companhias como: Cando Co Dance Company (Inglaterra); En-Knap (Eslovênia); Mehmet Sander Dance Company (Turquia/EUA), Cia de Dança Burra (Brasil), Sasha Waltz & Guests (Alemanha); Tanz Hotel (Áustria); Benoit Lachambre (Canadá); Chameckilerner Cia. de Dança (Brasil).

1997

No ano do centenário de Belo Horizonte, o FID trouxe uma programação ambiciosa. Entre os destaques desta edição o FID + teve o objetivo de difundir outras artes, como a cantora e instrumentista Diamanda Galás, conhecida pelo seu trabalho ousado, diferente e sua virtuosidade. Ainda dentro deste programa, o FID lançou o livro “corpo a corpo” de Antônio Pinto Ribeiro (Portugal), realizou oficinas e promoveu diversas palestras. Já as companhias que participaram foram: Vera Sala (Brasil), Lia Rodrigues Companhia de Danças (Brasil), Musicanoar/Helena Bastos (Brasil), Márcia Milhazes Dança Contemporânea (Brasil), Vicent Dunoyer/Rosas (Bélgica), Les Ballets C. de La B./Hans Vans Den Broeck (Bélgica), Meg Stuart & Gary Hill/ Damaged Goods (EUA/Bélgica).

19**1998**

Surge o programa FID – Território Minas, a partir da identificação da necessidade de uma outra ação, ao lado do FID Conexão InterNacional, para, de fato, conseguir fomentar a dança em Minas Gerais. Diferenciando-se dele, investe na qualificação da produção mineira, amparando-a em todas as suas fases e não somente na apresentação de seus espetáculos. Cinco obras diferentes tiveram a coprodução do FID em 1998: “Um alarme para o silêncio”, concepção Joaquim Elias (BH); “Palpa a carne sobre os ossos”, grupo VIS (BH); “Pessoa e o rio”, solo de Tarcisio Ramos Homem (BH); “Favela”, Cia de dança balé de rua” (Uberlândia) e “Lar doce lar”, C. Wlapkóclin.Dança (BH). Já no programa Conexão InterNacional o FID apresentou Dance Company Leine & Roebana (Holanda), Emio Greco (Itália/Bélgica/ Holanda) e Marcelo Evelin (Holanda/Brasil). O Fórum contou ainda com oficinas e palestras/lançamento de livros: “Butô, pensamento em evolução”, Christine Greiner (SP), e “O Anjo da dança”. Paola Rettore (Belo Horizonte).

2000

Entendendo a assimilação de conhecimento como um exercício adaptativo do corpo, o FID 2000 começou antes da realização do evento, com o Café FID uma reflexão teórica sobre dança, em parceria com o Centro de Estudo em Dança/PUC-SP, coordenado por Helena Katz. Outro diferencial deste ano foi o Seminário “Aprendendo a pensar: o corpo em movimento”, com a proposta de uma abordagem interdisciplinar de três eixos temáticos: o balé, a improvisação e o sistema técnico. Na apresentação das cias o FID 2000 contou com a Cie De Brune/Lynda Gaudreau (Canadá), Gilles Jobim (Suíça), La Ribot (Espanha/Reino Unido), Par B. Leux/ Benoit Lachambre (Canadá), Cia. Nova Dança 4 (SP), Cia Municipal de Dança de Caxias do Sul (Brasil), Cristian Duarte (Brasil), Margô Assis(Brasil), Jambazat (Brasil), Thembi Rosa (Brasil), Centro de Criação Cênica e Tarcísio Ramos Homem (Brasil), Vis (Brasil) e Cia SeráQuê? (Brasil).

2001

Como conseqüência do amadurecimento do projeto, alterou sua denominação de Festival para Fórum. Realizou ainda o seminário “O corpo não é uma mercadoria”.

2002 - 2003

As atividades do FID passaram a ser realizadas de forma extensiva ao longo do ano. De agosto de 2002 a junho de 2003, o Programa FID- Extensão Brasil disponibilizou uma programação exclusivamente brasileira: Grupo Cena 11 Cia de Dança (SC), Vera Sala (SP), Verve Cia. de Dança (PR), Alaya Arte Movimento Cia. de Dança (DF), WLAP (SP), Cia OITO Nova Dança (SP), Marta Soares (SP), Grupo Musicanoar (SP), Marcia Milhazes Dança Contemporânea (RJ). Promoveu também o Seminário Espaço Tempo com professores de diversas universidades do país. O Conexão Internacional foi um dos únicos vencedores entre mais de 600 projetos da Petrobrás.

2005

Depois de estimular a criação na cidade de Belo Horizonte, o FID entendeu que poderia ampliar o seu papel. Desta forma criou, em 2005, o FID Circulando Grande BH um novo braço de ação para viabilizar o acesso, inclusão e troca com áreas desatendidas, sem equipamentos de cultura ou acesso à agenda de programações culturais. A estratégia adotada foi a de promover a circulação de apresentações, oficinas e mostras de vídeo por territórios urbanos da região metropolitana, envolvendo principalmente companhias e profissionais de Belo Horizonte. Ainda nesta edição nasceu outro programa o FID Editorial com o objetivo de promover a publicação e divulgação de pesquisas relacionadas à dança. Também surgiu o ZAT dentro do programa FID + ações, que são práticas coletivas de reflexão e ações visando à autonomia da dança e do corpo na contemporaneidade. Na

programação: Meia Ponta Cia de Dança (Brasil), Hibridus Cia, de Dança (Brasil), Cia. Mário Nascimento (Brasil), Cia Cos'e? Teatro e Dança (Brasil), Vanilton Lakka (Brasil), Grupo TM5: Raquel Pires+ Geozeli Camargos + Junia Pimenta + Lílian Araújo + Vitória Cunha, Wagner Schwartz (Brasil), Kim Itoh & The Glorious Future (Japão).

2006

Fórum Internacional de Dança comemora 10 anos e contabiliza seus números gerais. Até ali mais de 24 grupos internacionais, 68 nacionais, 58 palestras e debates, 7 lançamentos de livros e muito mais. E para comemorar, o FID 2006 contou com Thembi Rosa e Renata Ferreira (Brasil), Meia Ponta Cia. de Dança (Brasil), Andréa Anhaia e Ester França (Brasil), Cia. Mário Nascimento (Brasil), UAI Q Dança (Brasil), Tuca Pinheiro (Brasil), Mathilde Monnier? Centre Choréographique National de Montpellier Languedoc-Roussillon (França), Cristian Duarte + Eros Valério + Tarina Quelho + Sheila Arêas (Brasil).

2007

Apresentando como conceito curatorial “SULREAL: Dança pra todo mundo”, o Fórum conectou culturas que estão fora dos grandes eixos econômicos mundiais colocando lado a lado em sua programação grupos e coreógrafos da Europa, Quênia, Austrália, Turquia e Argentina, como: Tuca Pinheiro (Brasil), Camaleão Grupo de Dança (Brasil), Meia Ponta Cia de Dança + Denise Stutz, Marise Diniz (Brasil), Movasse (Brasil), Raquel Pires (Belo Horizonte/Nova York), Branch Nebula (Áustria), Companhia de Danza (Argentina), Taldans (Turquia), Emanuelle Huynh (França), Club Fisk (Dinamarca), Taldans (Turquia), Boris Charmatz (França), Helder Vasconcelos (Brasil), Emmanuele Huynh (França), Opiyo Okach (Quênia), Um esboço e Cia Teatro e Dança (Brasil), Alex, Cêris e Cris (Brasil), Projeto entre Corpos (Brasil), Marise Dinis (Brasil), Quik Cia de Dança (Brasil). Destaque ainda nesta edição para Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário – Os Ciríacos com apresentações do congado. Também a partir de 2007, o FID passou a disponibilizar um dos mais ricos acervos do país, com a FIDoteca. A edição de 2007 foi a maior em números de cias e apresentações.

2008

A partir deste ano, o Fórum criou um espaço dedicado especialmente para as crianças. O FIDinho nasceu da observação da crescente adesão do público infantil à programação do Fórum. Daí surgiu à reflexão em torno da necessidade de desenvolver estratégias que atraíssem as crianças e seus pais para o mundo cultural. Neste ano o Fórum trouxe pela primeira vez a Belo Horizonte a coreógrafa francesa Maguy Marin e espetáculos de Edgardo Mercado (Argentina), Nelisiewe Xaba (África do Sul), Kettly Noël (Mali), Josie Cáceres (Equador), Federica Folco

(Uruguai), Fauller (Ceará), Tiago Guedes (Portugal), Carmen Jorge (Brasil), Helena Bastos (São Paulo), Elisa Ohtake (Brasil/Japão), A.P.I (Japão) e Luvyen Mederos (Cuba), Mário Nascimento(Brasil), Companhia Meia Ponta (Brasil) e Margô Assis e Eugênio Paccelli Horta convidam Ana Gastelois (Brasil).

2009

FID se posiciona como “Etitude” (Ética é ação). Os espetáculos e atividades do Fórum 2009 estavam ligadas a idéia de que ética sem ação é apenas carta de intenções. O público conferiu os grupos: UAI Q Dança (Brasil), Camaleão Grupo de Dança (Brasil), Raul Corrêa + Joana Wanner (Brasil), Luis Garai & Companhia (Argentina), Rafael Alvarez (Portugal), Kaiowas Grupo de Dança (Brasil), Marcelo Evelin (Brasil), Rafael Alvarez (Portugal), Cie Giles Jobin (Suíça), Alain Buffard (França), André Masseno (Brasil), Marta Soares Cia. de Dança (Brasil) e Balangandança (Brasil).

2010

Em 2010, o FID convidou o público para continuar a pensar e agir “por uma museologia do corpo que dança”, proposta que se iniciou no FID 2007. Em seu 14º ano, o Fórum conseguiu unir artistas com um lastro de atuação de 30, 40 anos. Entre eles, a Cia de Trisha Brown (Estado Unidos), Louise Cavalier + Fou Glorieux (Canadá) e ainda Lia Rodrigues Cia. De Danças(Brasil), Meia Ponta Cia, de Dança (Brasil), Creuza (Brasil), Eduardo Fukushima (Brasil), Cia Suspensa (Brasil), Cia Contenido Bruto (Argentina) e Cie. Raimund Hoghe (Alemanha).

22

2011

Celebrando 15 anos o FID 2011 terá em sua programação nomes como grupo Rosas (Bélgica), Cia Mário Nascimento (Brasil), Jacqueline Gimenes (Brasil), Michelle Moura - Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial (Brasil), Cie Anania/ Taoufiq Izaddiou (Marrocos), Theatre Works (Singapura), Denise Stutz e Felipe Ribeiro (Brasil), Jefta van Dinther (Holanda). E ainda coletivo Movasse (Brasil) no FID Território Minas, Lynda Gaudreau (Canadá) no ZAT 8 e Daniela Kutschat (Brasil) no Oi Cabeça FID.

RELEASES OUTRAS AÇÕES

Programas FID Território Minas, Oi Cabeça FID, Cine FID 15 anos e ZAT8 – Zona Autônoma Temporária.

23

FID 15 ANOS: O CORPO QUE VAI. A DANÇA QUE FICA.

Projeto realizado por meio das Leis de Incentivo à Cultura: Federal, Estadual de Minas Gerais e Municipal de Belo Horizonte.

Apresentadores: Ministério da Cultura, Petrobras e Oi

Apoiadores: TV Globo Minas, Cemig/Governo do Estado de Minas Gerais, AeC, Caixa Econômica Federal e da Oi Futuro.

Realização: Atômica Artes e Tapioca Cultura

EXPERIÊNCIA DO CORPO NAS REDES SOCIAIS É TEMA DA EDIÇÃO ESPECIAL DO OI CABEÇA FID

A criação de uma rede de relações sociais por meio do corpo será discutida pela professora e artista plástica Daniela Kutschat no próximo dia 27, quinta, no Multiespaço Oi Futuro

O projeto **Oi Cabeça FID** deste ano traz a professora e **artista plástica Daniela Kutschat** para discutir e comentar experiências de corpo nas redes sociais. O projeto **Mov Post** do coletivo **Movasse**, bolsista do **Programa FID Território Minas**, propõe a criação de uma rede de relações sociais através de pequenos vídeos, utilizando o Facebook, que será apresentado ao público no dia **27 de outubro, às 19h30, no Multiespaço Oi Futuro** (Av. Afonso Pena, 4001, Térreo, bairro Mangabeiras, Belo Horizonte/MG), em **evento gratuito e aberto ao público**.

Com o tema “Corpos nas redes sociais”, o intuito é aproximar a dança das pessoas, levando-as a perceber o quanto o movimento está presente em suas vidas e também objetiva desfazer a idéia de que esta manifestação só existe em espaços convencionais ou formatos mais difundidos. Entre os objetivos do Mov Post destaca ainda o de verificar a possibilidade do corpo se manifestar de forma autônoma no âmbito das redes sociais; uma maneira de testar a ação corporal como uma forma de “linguagem”, tendo ela o semelhante poder de comunicação que a palavra escrita possui nos meios digitais. O projeto abre ainda espaço para a interatividade no processo colaborativo e criativo entre bailarinos. E ainda provocar a prática ‘do it yourself’ - gênero muito aplicado recentemente no meio da arte e tecnologia.

24

A proponente do Oi Cabeça FID 2011, **Daniela Kutschat**, é artista plástica, doutora em artes pela ECA-USP e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e do Centro Universitário SENAC. Desenvolve obras e instalações que exploram relações corpo-espaço e também se dedica à pesquisa de interfaces entre arte e design. Participa de eventos de arte-tecnologia e cultura digital e de exposições nacionais e internacionais. Dentre os prêmios e bolsas obtidos constam Rumos Itaúcultural, Prêmio Sergio Motta de Arte Tecnologia; Beall Center for Art and Technology, University of California, Irvine; Transitio MX, México. Em 2009-2010 colaborou com o Clube Ur=H0r de Belo Horizonte.

O projeto Oi Cabeça é realizado a cada 15 dias, sempre as quintas-feiras no Multiespaço Oi Futuro (Av. Afonso Pena, 4001, Térreo, bairro Mangabeiras, Belo Horizonte/MG). O projeto traz papos interativos, performances multimídia e oficinas com profissionais de diversas áreas e sobre os mais variados assuntos, sempre voltados para arte cultura e tecnologia.

SERVIÇO

FID - Fórum Internacional de Dança 2011

Programas FID Território Minas

Oi Cabeça FID

Proposição: “Corpos nas redes sociais”

Propositora: Profa Dra Daniela Kutschat (ECA-USP)

Data: 27 de outubro de 2011, quinta-feira.

Horário: 19h30

Local: Multiespaço Oi Futuro

Endereço: Av. Afonso Pena, 4001, Térreo, bairro Mangabeiras, Belo Horizonte/MG

ENTRADA GRATUITA. Limitada a capacidade do local

DOMINIQUE MERCY E JOSEF NADJ EM CARTAZ NO CINE FID

FID Fórum Internacional de Dança traz documentários sobre a vida de dois artistas da dança contemporânea.

Dia **29 de outubro**, sábado, às 19h, no Multiespaço Oi Futuro, acontece o **Cine FID** com exibição de dois documentários sobre a vida e a obra de dois expoentes da arte, **Dominique Mercy**, retratando sua parceria com outro ícone da dança contemporânea, Pina Bausch; e **Josef Nadj**, em um filme, produzido pelo próprio coreógrafo, que coloca em perspectiva o seu universo e o processo de criação de um de seus espetáculos, **Last Landscape**.

Em 56 min de duração, “Dominique Mercy dança Pina Bausch”, de 2003, retrata a trajetória de um dançarino excepcional, bem como a história do seu encontro e da colaboração que desenvolveu com uma das principais figuras da dança contemporânea, Pina Bausch, uma colaboração artística e uma amizade nunca denegadas em 30 anos, nas quais a necessidade de afirmação individual nunca foi maior que a generosidade, a modéstia e a dedicação à obra.

26

Membro da Tanztheater de Wuppertal, companhia comandada por Pina Bausch, desde a sua fundação, em 1973, Dominique Mercy é um personagem indissociável da aventura artística da coreógrafa e da maioria das suas criações. Sua virtuosidade, a qualidade peculiar do seu movimento, o domínio da arte e o leque de possibilidades que ele oferece – aliados à capacidade de superar a técnica, de liberar-se, – bem como as suas qualidades humanas e a natureza do seu compromisso, fizeram com que se tornasse um dos mais notáveis intérpretes de Pina.

Para compor este retrato sensível, complementado com os testemunhos da própria Pina Bausch, Françoise Adret, Jean Babilée, Carolyn Carlson, Malou Airaud e Lutz Gregor, o coreógrafo e dançarino Régis Obadia dialogou longamente com Dominique Mercy, investigando diversos aspectos do seu trabalho: tempo de pesquisa, ensaios, ensino, etc. com o auxílio de fotografias e trechos de espetáculos, ele mostra a evolução de um ser que se dedicou totalmente à sua arte. O documentário é livre para todos os públicos.

O outro filme em cartaz na mostra é “Josef Nadj – Última Paisagem”, de 2006. Em 51min, este documentário, produzido pelo próprio coreógrafo, a memória

geográfica é o interesse central do artista. Construindo o seu trabalho sobre dois alicerces, ele coloca em perspectiva o seu universo e o processo de criação de um dos seus espetáculos, Last Landscape, criado em parceria com o percursionista Vladimir Tarasov.

Este “autorretrato frente à paisagem” explora gestos e materiais a partir de um espaço real, revisitado por meio de desenhos, trechos do espetáculo e comentários. Partindo de uma primeira imagem, um livro aberto sobre um mapa, Josef Nadj, diretor do Centro Coreográfico Nacional de Orléans, conduz o espectador à essência do seu trabalho, evocando a porosidade das fronteiras: as da sua terra natal, Voivodina, no interior da Hungria (atualmente região da Sérvia), bem como o seu próprio gesto artístico, cujo imaginário é marcado por esta realidade geográfica e cultural. Entre elementos biográficos e exploração de uma paisagem real, próxima da cidade onde o artista nasceu, um pedaço de terra inóspita atravessada por rios de águas argilosas, ele faz surgir a visão de um mundo remanejado para o palco. Desenhar no papel ou com o movimento e deixar o papel ou o corpo impregnarem-se com esses sinais misteriosos têm por origem uma mesma preocupação do coreógrafo: acolher outra verdade, a efemeridade, a transição e a partilha com o público. A classificação indicativa do filme é livre.

27

SERVIÇO

FID - Fórum Internacional de Dança 2011

Sessão de Cinema FID 15 anos

Data: 29 de outubro de 2011, sábado

Local: Multiespaço Oi Futuro – Av Afonso Penna, 4001, Mangabeiras

Horário: 19h

ENTRADA GRATUITA. Limitada a capacidade do local

FID FÓRUM INTERNACIONAL DE DANÇA PROMOVE IMERSÃO COLETIVA COM LYNDA GAUDREAU

ZAT 8 pretende investigar a relação entre coreografia e artes visuais através do corpo, do objeto, de imagens em movimento e estáticas.

O **FID 15 anos** realiza, de 21 a 30 de outubro de 2011, o **ZAT 8 - Zona Autônoma Temporária** que tem como assunto de pesquisa o “**Corpo Alucinado**”. O ZAT 8 será um trabalho de imersão coletiva com a coreógrafa, curadora e pesquisadora, **Lynda Gaudreau**, da **Companhia De Brune** (Canadá), uma das mais prestigiadas organizações artísticas do Canadá e Europa. Não é a primeira vez que a coreógrafa participa do FID. Em 2000 e 2002, a Gaudreau apresentou os espetáculos document #1” e “document #3” Em conversa com a diretora artística do evento, Adriana Banana, a canadense revelou ainda que considera o Brasil sua segunda casa e ainda “um importante lugar para o seu trabalho”.

28

As inscrições para o processo de seleção do ZAT 8 aconteceram em agosto, doze artistas foram selecionados por uma comissão composta pela **Adriana Banana**, diretora artística do FID; **Carla Lobo**, diretora executiva do FID; **Lynda Gaudreau**, coreógrafa; **Rosa Hércules**, dramaturgista em dança, coordenadora e professora do curso de Comunicação das Artes do Corpo PUC-SP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; e **Tuca Pinheiro**, coreógrafo e dançarino. Os encontros acontecem no Espaço Funarte (Rua Januária, 68, bairro Floresta, BH/MG), e em outros locais públicos, de 21 a 30 de outubro, sempre das 14h às 19h.

1. Proposição

Como o corpo se transforma em uma imagem fotográfica, em um *performer*, na figura de uma pintura? Como um corpo se torna um objeto sólido e depois, transparente, sempre mudando de identidade? Coreografia não se restringe ao corpo, mas também diz respeito à organização e contínua construção de espaço.

Essa imersão coletiva experimental e híbrida, nos limites da coreografia e de uma exposição, pretende investigar a fricção e a relação entre coreografia e artes visuais através do corpo, do objeto, de imagens em movimento e estáticas. A oficina será dividida em duas partes. Na primeira, o foco é teórico com discussões acerca de questões diversas, intercâmbio e compartilhamento entre os

participantes. Já a segunda parte será dedicada à prática que, a cada dia, acontecerá em diferentes lugares. Nesta etapa, os participantes serão convidados a traduzirem as questões submetidas ao grupo. Como essa parte de pesquisa será realizada em locais públicos, cada participante será convidado a conduzir sua própria pesquisa assim como contribuir e participar na investigação conduzida por Lynda Gaudreau durante sua estadia em Belo Horizonte (MG).

Lynda Gaudreau

Coreógrafa, curadora e pesquisadora, Lynda Gaudreau cria trabalhos ambientais aberto à colaboração de vários artistas e práticas artísticas. Seu trabalho, frequentemente, minimalista e desenvolvido em séries é essencialmente um jogo em quantidades de tempo, espaço e movimento. Sua coreografia está em diálogo com as artes visuais, arte sonora, filosofia, literatura, cinema e arquitetura.

As atividades de Lynda Gaudreau englobam a criação de coreografia para o palco, geralmente focada na forma de solo; trabalhos de curadoria que encorajam a interseção da dança e das artes visuais e o encorajamento da produção de criações artísticas no *De Studio*, um estúdio experimental, em que atua como orientadora ou mentora.

29

A prática coreográfica de Lynda Gaudreau é colaborativa e acolhe artistas da dança e de outras disciplinas. Ela convida artistas a colaborarem com suas próprias criações assim como cria projetos com e para seus pares. A coreógrafa e sua Companhia De Brune tem colaborado com algumas das mais prestigiosas organizações artísticas do Canadá e Europa. Por muitos anos, na década de 1990, Lynda foi colaboradora do Festival Klapstuk, em Leuven (Bélgica). Além do Klapstuk, outras organizações belgas também apoiaram seu trabalho.

Desde 2001, o Théâtre de La Ville, em Paris, apresenta quase todos os seus trabalhos e também co-produz suas obras mais recentes. Como professora convidada da coreógrafa Anne Teresa de Keersmaecker, do Grupo Rosas, ministra, frequentemente, aulas na escola P.A.R.T.S. (Performing Arts Research and Training Studios). Seu trabalho é apresentado em diversos países como Canadá, Brasil, Áustria, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Croácia e Israel.

Além de suas produções, o processo coreográfico de Gaudreau inclui uma considerável proporção de trabalho curatorial e de orientação. Desde 2005, ela instiga vários eventos em Montreal, principalmente, para as gerações de jovens artistas, tais como o *Clash* e o *In Limbo*, apresentados em parceria com o Tangente.

SERVIÇO

FID - Fórum Internacional de Dança 2011

ZAT 8 – ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA

Título: Corpo Alucinado

Imersão com Lynda Gaudreau, da Companhia De Brune (Canadá).

Imersão: 21 a 30 de outubro de 2011, das 14h às 19h.

FID 15 ANOS COMEÇOU COM PROJETO INTERATIVO MOV POST, DO COLETIVO MOVASSE

Público é convidado a participar produzindo Mov Post's derivativos, em vídeos, como resposta ou comentários ao projeto, no Facebook.

Bolsista do **Programa FID Território Minas**, o coletivo **Movasse** está movimentado as redes sociais durante todo o FID 15 anos, com o projeto **Mov Post**. O projeto iniciou no dia 22 de agosto de 2011 e vai até 20 de outubro. A proposta é criar uma rede de relações sociais através de pequenos vídeos, utilizando o Facebook.

“Primeiramente, o Coletivo irá postar na rede cinco vídeos iniciais chamados Mov Post's matrizes, com duração máxima de 01 minuto cada. A partir deles, os interessados poderão produzir resposta ou comentários, em vídeos, no Facebook. O corpo em movimento no espaço será o foco principal na troca de informações”, explica a diretora artística do FID, Adriana Banana.

31

O intuito é aproximar a dança das pessoas, levando-as a perceber o quanto o movimento está presente em suas vidas e também visa desfazer a idéia de que esta manifestação só existe em espaços convencionais ou formatos mais difundidos tais como teatros, videodanças ou performances muito elaboradas e estruturadas.

Entre os objetivos do projeto Mov Post o Coletivo Movasse destaca o de verificar a possibilidade do corpo se manifestar de forma autônoma no âmbito das redes sociais; uma maneira de testar a ação corporal como uma forma de "linguagem", tendo ela o semelhante poder de comunicação que a palavra escrita possui nos meios digitais, como no Facebook; estimular o usuário da ferramenta Facebook a postar seus próprios vídeos, induzindo a criação de trabalhos autorais. Abrir espaço para a interatividade no processo colaborativo e criativo entre bailarinos. E ainda provocar a prática 'do it yourself' - gênero muito aplicado recentemente no meio da arte e tecnologia.

Finalizando o período da criação inicial, será feita três intervenções no foyer de um teatro elegido pelo FID. No dia 26 de outubro, quarta-feira, às 19h a intervenção acontece no Teatro Oi Klaus Vianna. Já no dia 30 de outubro, domingo, será às 17h no Teatro Sesiminas. E fechando no Palácio das Artes no dia 2 de novembro, às 18h30 no Palácio das Artes. Nos teatros ficarão expostos, através de computadores conectados à rede, os Mov Post's iniciais e seus comentários no Facebook do Movasse. Além disso, haverá à disposição uma câmera para que qualquer observador possa registrar seu Mov Post instantâneo e postá-lo na rede.

Para acompanhar o que acontece no projeto convide o Mov Post para ser seu amigo no Facebook. Já para responder aos vídeos postados e só entrar na rede de comunicação do Mov Post é responder em forma de vídeo, que deverá ter no máximo 1 minuto de duração e ser direcionado a algum dos Mov Post's matrizes já adicionados pelo Movasse, ou a qualquer outro Mov Post que também já tenha sido postado como resposta.

SERVIÇO

FID Território Minas Projeto Mov Post, Coletivo Movasse

Período de postagem no facebook: 24 de agosto a 20 de outubro

<http://tinyurl.com/movpost>

Intervenções

Dia 26 de outubro, quarta feira, às 19 horas: Teatro Oi Futuro Klaus Vianna (Av. Afonso Pena, 4.001, bairro Mangabeiras. Tel.: [\(31\) 3229-3131](tel:(31)3229-3131))

Dia 30 de outubro, domingo, às 17horas: Teatro Sesiminas (Rua Padre Marinho, 60, bairro Santa Efigênia. Tel.: [\(31\) 3241-7181](tel:(31)3241-7181))

Dia 2 de novembro, sábado, às 18horas e 30minutos: Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 1537, bairro Centro. Tel.: (31) 3236-7400)

15 ANOS DE HISTÓRIA DISPONÍVEL AO PÚBLICO

Com acesso gratuito para pesquisa e consulta, FIDoteca possui um acervo videográfico dos 15 anos de atividade do Fórum

Uma das ações do programa **FID** é a **FIDoteca**, um acervo videográfico dos 15 anos de atividades do Fórum Internacional de Dança, disponível ao público, **com acesso gratuito** para pesquisa e consulta de seus títulos.

Com três cabines individuais, a FIDoteca pretende ser um instrumento de pesquisa, estudos e estímulo a produção do conhecimento sobre a dança contemporânea e sua evolução.

“Além de ser um espaço para pesquisadores, a FIDoteca oferece à pessoas interessadas no tema dança uma oportunidade de aprendizado através dos espetáculos”, comenta Adriana Banana, diretora artística do Fórum.

33

SERVIÇO

Programa FID Conexão InterNacional

FIDoteca

Data: De 26 a 30 de outubro, de quarta a domingo.

Horário: Das 14h às 18h

Local: Espaço Cultural Oi Futuro (Av. Afonso Pena, 4001 – Térreo, bairro Mangabeiras – Belo Horizonte/MG)

Entrada gratuita. Limitada a capacidade das cabines

FID SÃO PAULO: AUTOBIOGRAFIAS

Fórum Internacional de Dança terá ação na capital paulista com a coreógrafa e pesquisadora Lynda Gaudreau, da Cie De Brune (Canadá).

O Fórum Internacional de Dança apresenta para esta edição uma novidade: o **FID Autobiografias**, que será realizado em São Paulo, no dia 20 de outubro de 2011, às 20 horas, no Teatro TUCA – Teatro da PUC SP, Rua Monte Alegre, 1024, Perdizes. “Em 2011 o FID, novamente inova, apontando um caminho ainda não percorrido por festivais de dança contemporânea no Brasil. Seu primeiro desafio é estender-se para outro estado mantendo seu formato já consagrado de Fórum Internacional de Dança. Suas atividades em SP manterão o respeito ao perfil local da dança, uma vez que no estado de São Paulo convivem quatro cursos universitários de dança (Unicamp, PUC-SP, Anhembi Morumbi e FAP). Sendo assim o FID em São Paulo propõe a uma relação mais direta com a formação profissional universitária de dança, por entender ser este segmento como o mais importante a ser fortalecido no Brasil”, descreve Banana, diretora artística do FID.

34

Para a realização deste projeto o FID conta com a colaboração de um parceiro estratégico: O TUCA – Teatro da Universidade Católica de São Paulo

Para inaugurar suas atividades em São Paulo, o FID conta com a curadora, pesquisadora e diretora da Cie De Brune (Canadá), Lynda Gaudreau. A coreógrafa cria trabalhos ambientais abertos à colaboração e a práticas artísticas, frequentemente minimalista e, desenvolvido em séries, seus trabalhos são essencialmente um jogo em quantidades de tempo, espaço e movimento. Sua coreografia está em diálogo com as artes visuais, arte sonora, filosofia, literatura, cinema e arquitetura, suas atividades englobam a criação de coreografia para o palco, geralmente focada na forma de solo; trabalhos de curadoria que encorajam a interseção da dança e das artes visuais; encorajamento da produção de criações artísticas no De Studio, um estúdio experimental, como orientadora ou mentora.

A prática coreográfica de Lynda Gaudreau é colaborativa e acolhe artistas da dança e de outras disciplinas. Ela convida artistas a colaborarem com suas próprias criações assim como cria projetos com e para seus pares. Com seu trabalho a coreógrafa e sua Compagnie De Brune tem colaborado com algumas

das mais prestigiosas organizações artísticas do Quebec, Canadá e Europa. Por muitos anos, na década de noventa, Lynda foi colaboradora do Festival Klapstuck em Leuven (Bélgica). Além do Klapstuck, outras organizações belgas das mais prestigiosas, também apoiaram seu trabalho enquanto Lynda e sua cia trilhavam uma carreira internacional, sobretudo na Europa.

Desde 2001, o Théâtre de la Ville, em Paris apresenta quase todos os seus trabalhos e também coproduziu suas obras mais recentes. Como professora convidada da coreógrafa Anne Teresa de Keersmaeker/Grupo Rosas. Ministra frequentemente, aulas na escola P.A.R.T.S. (Performing Arts Research and Training Studios). Seu trabalho é apresentado em diversos países como: Canadá, Brasil, Áustria, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Croácia e Israel. Além de suas produções, seu processo coreográfico inclui uma considerável proporção de trabalho curatorial e de orientação. Desde 2005, ela instiga vários eventos em Montreal, principalmente para as gerações de jovens artistas, tais como o *Clash*, projeto de Meg Stuart, e o *In Limbo*, apresentados em parceria com o Tangente.

SERVIÇO

FID 15 ANOS: O CORPO QUE VAI A DANÇA QUE FICA

2ª Etapa – Programas FID Território Minas, FIDinho, FID Conexão InterNacional

Data: De 26 de outubro a 2 de novembro de 2011.

Ingressos: Todos os espetáculos terão ingressos vendidos a preços simbólicos, sendo **R\$ 4,00** (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada).

Eventos gratuitos: A FIDoteca, o Oi Cabeça FID, Sessão de cinema FID são gratuitos e abertos ao público interessado.

Informação para o público: **www.fid.com.br e (31) 3225-5070**

APRESENTAÇÕES

36

FID 15 ANOS: O CORPO QUE VAI. A DANÇA QUE FICA.

Projeto realizado por meio das Leis de Incentivo à Cultura: Federal, Estadual de Minas Gerais e Municipal de Belo Horizonte.

Apresentadores: Ministério da Cultura, Petrobras e Oi

Apoiadores: TV Globo Minas, Cemig/Governo do Estado de Minas Gerais, AeC, Caixa Econômica Federal e da Oi Futuro.

Realização: Atômica Artes e Tapioca Cultura

FID Território Minas

Projeto: Mov Post

Grupo: Coletivo Movasse

Período de postagem no facebook: 24 de agosto a 20 de outubro

<http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002782262571>

Intervenções:

Dia 26 de outubro, quarta feira, às 19 horas: Teatro Oi Futuro Klauss Vianna (Av. Afonso Pena, 4.001, bairro Mangabeiras. Tel.:(31) 3229-3131)

Dia 30 de outubro, domingo, às 17horas: Teatro Sesiminas (Rua Padre Marinho, 60, bairro Santa Efigênia. Tel.:(31) 3241-7181)

Dia 2 de novembro, sábado, às 18horas e 30minutos: Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 1537, bairro Centro. Tel.: (31) 3236-7400)

Classificação: livre

Sinopse/Release:

Bolsista do Programa FID Território Minas, o coletivo Movasse promete movimentar as redes sociais no FID 15 anos com o projeto Mov Post. A proposta é criar uma rede de relações sociais através de pequenos vídeos, utilizando o Facebook. O intuito é aproximar a dança das pessoas, levando-as a perceber o quanto o movimento está presente em suas vidas e também visa desfazer a idéia de que esta manifestação só existe em espaços convencionais ou formatos mais difundidos tais como teatros, vídeo danças ou performances muito elaboradas e estruturadas.

Primeiramente, o Coletivo irá postar na rede cinco vídeos iniciais chamados Mov Post's matrizes, com duração máxima de 01 minuto cada. A partir deles, os interessados poderão produzir os Mov Post's derivativos, em vídeos, como resposta ou comentários no Facebook. O corpo em movimento no espaço será o foco principal na troca de informações.

Entre os objetivos do projeto Mov Post o Coletivo Movasse destaca o de verificar a possibilidade do corpo se manifestar de forma autônoma no âmbito das redes sociais; uma maneira de testar a ação corporal como uma forma de "linguagem", tendo ela o semelhante poder de comunicação que a palavra escrita possui nos meios digitais, como no Facebook; estimular o usuário da ferramenta Facebook a postar seus próprios vídeos, induzindo a criação de trabalhos autorais. Abrir espaço para a interatividade no processo colaborativo e criativo entre bailarinos. E ainda provocar a prática '*do it yourself*' - gênero muito aplicado recentemente no meio da arte e tecnologia.

Ao fim do período da criação inicial da rede dos Mov Post's será feita uma instalação no foyer de um teatro elegido pelo FID. Nela ficarão expostos, através de computadores conectados à rede, os Mov Post's iniciais e seus comentários no Facebook do Movasse. Além disso, haverá à disposição uma câmera para que qualquer observador possa registrar seu Mov Post instantâneo e postá-lo na rede.

Qualquer pessoa poderá participar respondendo com seu próprio vídeo os Mov Post's no perfil do projeto, <http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002782262571>

Como acompanhar e participar

Para acompanhar o que acontece no projeto convide o Mov Post para ser seu amigo no Facebook. Já para responder aos vídeos postados e só entrar na rede de comunicação do Mov Post e responder em forma de vídeo, que deverá ter no máximo 1 minuto de duração e ser direcionado a algum dos Mov Post's matrizes já adicionados pelo Movasse, ou a qualquer outro Mov Post que também já tenha sido postado como resposta.

Como postar um vídeo

1. No seu perfil ou na sua página, click em “vídeo”, logo à frente de “compartilhar”;
2. Escolha uma das opções: “gravar um vídeo” (se for gravar naquele momento) ou “enviar vídeo” (se for inserir o arquivo de seu vídeo já pronto);
3. Antes de clicar em “compartilhar”, escreva no campo “diga algo sobre este vídeo...” “Mov Post” seguido de seu nome e sobrenome com o número indicativo do seu vídeo e o nome da pessoa a quem você está respondendo, também seguido do número indicativo do vídeo dela.

Por exemplo: se é o meu primeiro vídeo e quero responder ao vídeo matriz do Fabio Dornas, colocarei no campo: “Mov Post Ester França1” para Fabio Dornas matriz. Ou, se é o meu quarto vídeo e quero responder ao terceiro da Cibele, seria: Mov Post Ester França 4 para Cibele Maia

4. Clique em “compartilhar” e aguarde enquanto seu vídeo é carregado!
5. Assim que o envio do vídeo for concluído, clique em “fechar e editar vídeo”. Na tela que abrir, no campo “neste vídeo”, digite PELO MENOS **Mov Post**, pois é desta maneira que seu vídeo cairá no mural do perfil do projeto. Caso queira, você pode adicionar também outros nomes de quem você quer que receba o seu vídeo, além do Mov Post, obviamente!

6. Em “título”, você deve colocar o mesmo nome que você colocou enquanto gravava seu vídeo ou quando escolhia seu arquivo. Voltando em nosso exemplo, “Mov Post Ester França1 para Fabio Dornas matriz”.

PRONTO! A partir daí você já estará participando da rede Mov Post. Quem sabe a gente não consegue transformar o Facebook também numa rede de movimento?

Ficha Técnica:

Iniciativa: Movasse - coletivo de criação em dança

Bailarinos: Andrea Anhaia, Carlos Arão, Cibele Maia (convidada), Ester França e Fábio Dornas

Edições dos vídeos: Chico de Paula e bailarinos

Mídias Interativas: Chico de Paula

Ambientalização: Equipe Mov Post

Produção: Cibele Maia e Silvana França

ZAT 8 – Zona Autônoma Temporária

Tema: “Corpo alucinado”

Propositora: Lynda Gaudreau, da Cie De Brune (Canadá),

Apresentação: de 21 a 30 de outubro sexta á domingo, das 14h às 19h.

Duração: 14hs ás 19hs

Local: Espaço Funarte MG (Rua Januária, 68, bairro Floresta. Tel.:(31) 3213-7112), e em outros locais públicos.

Inscrições: As inscrições para o processo de seleção do ZAT8 aconteceram em agosto de 2011 e 12 artistas foram selecionados.

Proposição

Como o corpo se transforma em uma imagem fotográfica, em um *performer*, na figura de uma pintura? Como um corpo se torna um objeto sólido e depois, transparente, sempre mudando de identidade? Coreografia não se restringe ao corpo, mas também diz respeito à organização e contínua construção de espaço.

Sinopse / Release:

Com a proposta de imersão coletiva experimental e híbrida, nos limites da coreografia e de uma exposição, o ZAT 8 pretende investigar a fricção e a relação entre coreografia e artes visuais através do corpo, do objeto, de imagens em movimento e estáticas. A oficina será dividida em duas partes. Na primeira, o foco é teórico com discussões acerca de questões diversas, intercâmbio e compartilhamento entre os participantes. Já a segunda parte será dedicada à prática que, a cada dia, acontecerá em diferentes lugares. Nesta etapa, os participantes serão convidados a traduzirem as questões submetidas ao grupo. Como essa parte de pesquisa será realizada em locais públicos, cada participante será convidado a conduzir sua própria pesquisa assim como contribuir e participar na investigação conduzida por Lynda Gaudreau durante sua estadia em Belo Horizonte (MG).

Lynda Gaudreau

Coreógrafa, curadora e pesquisadora, Lynda Gaudreau cria trabalhos ambientais aberto à colaboração de vários artistas e práticas artísticas. Seu trabalho, frequentemente, minimalista e desenvolvido em séries é essencialmente um jogo em quantidades de tempo, espaço e movimento. Sua coreografia está em diálogo com as artes visuais, arte sonora, filosofia, literatura, cinema e arquitetura.

As atividades de Lynda Gaudreau englobam a criação de coreografia para o palco, geralmente focada na forma de solo; trabalhos de curadoria que encorajam a interseção da dança e das artes visuais e o encorajamento da produção de

criações artísticas no *De Studio*, um estúdio experimental, em que atua como orientadora ou mentora.

A prática coreográfica de Lynda Gaudreau é colaborativa e acolhe artistas da dança e de outras disciplinas. Ela convida artistas a colaborarem com suas próprias criações assim como cria projetos com e para seus pares. A coreógrafa e sua Companhia De Brune tem colaborado com algumas das mais prestigiosas organizações artísticas do Canadá e Europa. Por muitos anos, na década de 1990, Lynda foi colaboradora do Festival Klapstuk, em Leuven (Bélgica). Além do Klapstuk, outras organizações belgas também apoiaram seu trabalho.

Desde 2001, o Théâtre de La Ville, em Paris, apresenta quase todos os seus trabalhos e também co-produz suas obras mais recentes. Como professora convidada da coreógrafa Anne Teresa de Keersmaeker, do Grupo Rosas, ministra, frequentemente, aulas na escola P.A.R.T.S. (Performing Arts Research and Training Studios). Seu trabalho é apresentado em diversos países como Canadá, Brasil, Áustria, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Croácia e Israel.

Além de suas produções, o processo coreográfico de Gaudreau inclui uma considerável proporção de trabalho curatorial e de orientação. Desde 2005, ela instiga vários eventos em Montreal, principalmente, para as gerações de jovens artistas, tais como o *Clash* e o *In Limbo*, apresentados em parceria com o Tangente.

FIDoteca**Período: De 26 a 30 de outubro, de quarta a domingo.****Local: Oi Futuro** (Av. Afonso Pena, 4001 – Térreo, bairro Mangabeiras. Tel.:(31) 3223-6756)**Classificação:** livre**Duração:** 14horas às 18horas**Entrada gratuita.** Limitada a capacidade das cabines.**Sinopse / Release:**

Em 2011 em sua 15ª edição o FID continua com a ação FIDoteca. Trata-se da disponibilização do acervo dos 15 anos do FID para fins de pesquisa e estímulo à produção do conhecimento, sugerindo o corpo como lugar onde atravessa a cultura, a história, a individualidade e a coletividade das sociedades.

FID Território Minas

Espetáculo: “Território Nu”

Companhia: Cia Mário Nascimento (Belo Horizonte / MG)

Apresentação: 26 de outubro, quarta-feira e 27 de outubro, quinta-feira.
21 horas

Local: Teatro Oi Futuro Klauss Vianna (Av. Afonso Pena, 4001, Térreo, Mangabeiras. Tel.:(31) 3229-3131)

Classificação: Livre

Duração: 50 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse:

O *Território Nu* pode ser definido como a forma com que indivíduos controlam um determinado espaço-território. Para conhecer o ambiente em que se vive e conquistar o seu espaço - que pode ser caracterizado como físico ou interior - temos que romper com o passado. Para conquistar um território é preciso se manter no presente. *Território Nu* desbrava caminhos insertos, supera obstáculos e conquista espaços. Este trabalho é a própria história da Companhia Mário Nascimento, que vem conquistando seu espaço no universo da dança, experimentando, se arriscando e trilhando seu caminho próprio. *Território Nu* é caminho sem fim, é construir um lugar, é a ocupação, a fixação e a duração. É a angústia do fim. É voltar para um lugar que não se tem.

43

Release:

“Os conceitos de território e territorialidade no sentido de espaço, área definida e caracterizado por relações de poder estão interligados. A noção de poder, domínio ou influência de vários agentes no espaço geográfico expressa a territorialidade, daí a afirmação ‘entrar em território alheio’ pode ser uma afronta. O Território é o espaço que sofre domínio desses agentes”, Milton Santos

O *Território Nu* é pertencer aquilo que nos pertence, é um sentimento de exclusividade que prescindiu a raça humana. É a luta e a preocupação com o destino e a construção de um possível futuro. Território Nu é desbravar caminhos insertos, superar obstáculos e conquistar espaços. O Território a ser conquistado pode estar dentro de você mesmo.

Ficha Técnica:

Direção e criação: Mário Nascimento

Assistente de direção e coreografia: Rosa Antuñá

Coreografia: Mário Nascimento e elenco

Elenco: André Rosa, Brenda Melo, Eliatrice Gischewski, Léo Garcia, Rafael Bittar e Rosa Antuña

Professores e ensaiadores: Mário Nascimento e Rosa Antuña

Preparação teatral e vocal: Rosa Antuña

Fonte bibliográfica: Milton Santos (Geógrafo)

Produção: Luciana Lanza (Fulôres Produções)

Trilha sonora: Fábio Cardia

FID Território Minas

Espectáculo: “6 Instantes de Solidão”

Companhia: Jacqueline Gimenes (Belo Horizonte / MG)

Apresentação: 27 de outubro, quinta feira, 19horas e 28 de outubro, sexta-feira, 19h30.

Local: Funarte MG (Rua Januária, 68, Floresta. Tel.:(31) 3213-7112)

Classificação: 12 anos

Duração: 25 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro no dia da apresentação duas horas antes.

Sinopse / Release:

Com a *Suíte n. 2* para Violoncelo de Johann Sebastian Bach, Jacqueline Gimenes, sob a direção e concepção coreográfica de Rodrigo Pederneiras, dança um solo virtuoso assim como a própria criação de Bach. A concepção preliminar de *6 Instantes de Solidão* propõe uma audição na qual violoncelo e bailarina se intercambiam entre as sonoridades propostas pelo autor barroco. O encontro de dois expoentes da dança contemporânea brasileira (Pederneiras e Gimenes) e do violoncelista Antônio Viola possibilitou a criação de um trabalho “sem amarras”, com total liberdade estética e de movimentação cênica.

45

Segundo Rodrigo Pederneiras: “Quando Jacqueline me propôs criar uma peça solo, logo me vieram à cabeça as 6 Suites para violoncelo de J.S.Bach. A princípio pensei em fazer algo a partir das variantes existentes na 5ª. dança. Mais tarde me veio uma lembrança muito forte; a sensação de isolamento tingida com uma certa dose de amargura que sempre me invade, especialmente ao ouvir a Sarabanda da suite n 2. Resolvi então trabalhar a partir desta suite tentando trazer à tona esse sentimento de solidão que se manifesta sempre com uma pontada de prazer.

Assim nasceu “*6 Instantes de Solidão*” que se tornou muito maior e mais consistente quando se juntou a nós o violoncelista Antônio Viola e ainda Pedro Pederneiras como iluminador, Janaina Castro como figurinista e Ana Paula Cançado como ensaiadora.

Quanto à Jacqueline, a Jacque, com quem trabalhei por tantos anos no Grupo Corpo, só posso dizer que é um enorme prazer tê-la outra vez como companheira de trabalho. Criar “*6 Instantes de Solidão*” foi como revolver lembranças há tanto tempo guardadas em algum canto da memória.”

Jacqueline Gimenes

Após ter-se destacado na carreira de bailarina desenvolvida junto ao Grupo Corpo, Jacqueline Gimenes experimentou outras possibilidades criativas, em parceria com inúmeros diretores, em espetáculos de dança contemporânea e no teatro-dança. Surpreendeu público e crítica em sua atuação junto aos coreógrafos Adriana Banana e Fábio Mazzoni quando pode confirmar sua plasticidade adaptativa quase sem limites. “Sua habilidade em fazer de seu corpo somente reentrâncias e saliências do escuro impacta pela precisão e densidade. O que nosso olhar tateia são somente partes recortadas de um objeto-corpo que a escuridão vai construindo com tipos distintos de sombras”, salienta Helena Katz.

A bailarina intérprete acredita que este momento é apropriado para expor o resultado do processo vivenciado durante sua carreira, além de poder retomar uma parceria iniciada há treze anos com o coreógrafo Rodrigo Pederneiras – cujas coreografias são sempre um inominável desafio, pois não se limitam apenas à uma linguagem de movimento.

O desafio de interpretar através de um solo com música ao vivo é imenso, pois cada movimento que Pederneiras cria é como se fossem as notas da própria partitura. Assim, o diálogo entre músico e bailarina é vibrante e intenso.

46

Ficha Técnica:

Direção e criação: Rodrigo Pederneiras

Coreografia: Rodrigo Pederneiras

Assistente de coreografia: Ana Paula Cançado

Bailarina/intérprete: Jacqueline Gimenes

Música: Suite N. 2 para violoncelo de J. S. Bach

Violoncelo: Antônio Viola

Fotografia: Naty Torres

Iluminação: Pedro Pederneiras

Assistente de iluminação: Ana Araújo

Figurino: Janaina Castro

Maquiagem: Filipe Brusch

Desenvolvimento do figurino: Ana Vaz

Produção executiva: Cláudia Couto

Design gráfico: Guili Seara

Coordenação de projeto: Valéria Amorim

Coordenação de produção: Sheila Katz

Gestão financeira: Cristiani Papini

FID Conexão InterNacional

Espectáculo: “Cavalo”

Companhia: Michelle Moura - Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial (Curitiba / PR)

Apresentação: 27 de outubro, quinta feira e 28 de outubro, sexta-feira.
19 horas

Local: Funarte MG (Rua Januária, 68, Floresta. Tel.:(31) 3213-7112)

Classificação: 12 anos

Duração: 25 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro no dia da apresentação duas horas antes.

Sinopse / Release:

Cavalo é a ambigüidade de quem move quem, o cavalo que move o cavaleiro, o cavalo que é movido pelo cavaleiro. Através de alterações no padrão respiratório, projeções visuais e a deformação da voz. Durante a apresentação, Michele Moura é levada a mover-se em um espaço de alucinações e revela um corpo matéria atravessado por energias e pulsações distintas. Ela tem como meta abandonar por minutos a linguagem segura do dia-a-dia, ultrapassar a porta que dá acesso a realidades maleáveis, e transitar entre a instabilidade de estados físicos e emocionais. Ela pode ser patética, decadente, histérica, no fim o que a move é uma falta. *Cavalo* é sombrio, (neo) expressionista, “noise”, hipnótico.

47

A performance

“Em *Cavalo* utilizo do som da voz e da respiração amplificada e distorcida como um dispositivo que tem o potencial de transformar a percepção do espaço e do corpo. O som da voz amplificado, produz uma sensação de que o corpo também está amplificado, aumentado, projetado além de si e isso produz um jeito diferente de mover, produz uma outra relação entre corpo e espaço.

Meu interesse por integrar dança e voz amplificada, começou no fim de 2009 quando conheci Vincent Dupont no Centre National de Danse Contemporaine Angers/França. Vincent Dupont realiza um trabalho de criação e improvisação focado na voz amplificada e deformada por filtros. Posso dizer que esta é sua “tecnologia de movimento”, ele move-se a partir do som da sua voz e do estado de presença criado pela difusão do som. A voz amplificada possibilita uma maior

projeção espacial do corpo e produz uma des-identificação do corpo e do espaço produzindo um imaginário mais amplo sobre ambos.

Em *Cavalo* me interesse por ficcionalizar outros entendimentos sobre o corpo/mente, e sobre meus hábitos espaciais temporais e perceptivos.

“*Cavalo*” no Camdomblé, uma religião afro-brasileira, é a pessoa que empresta seu corpo como veículo para que um espírito possa interagir com a matéria.

Comecei este trabalho, pois estava e ainda estou interessada em criar práticas para gerar uma dança menos voluntária.

Tenho me interessado por perseguir a utopia de poder estar “livre” de condicionamentos perceptivos, me des-identificar da idéia que tenho do meu corpo em relação a este espaço. Me desorientar, desconhecer “este lugar”, poder me mover livre de ser Michelle. Talvez seja um desejo de alterar o programa de “como eu percebo eu mesma e o mundo”, isto é, reprogramar minhas percepções. Por isso tenho me interessado por pessoas em êxtases diversos, em que a instabilidade emocional transforma/deforma o corpo, em que os códigos de comportamento são extrapolados.

48

O ambiente criado por *Cavalo* é sombrio, porque tem um tom de filme de terror, mortos-vivos, vampiros e zombies. E por isso é também (neo) expressionista porque é as vezes caricatural, exagerado, com caretas e emoções escancaradas, “neo” porque é feito hoje inspirado na dança expressionista de ontem, “uma espécie de Mary Wigman quântica” segundo Alex Cassal, no artigo “Artistas do corpo”, idanca.net, de fev.2011. É “noise” já que me movo porque produzo sons, esses sons são minha respiração, falas inventadas, grunidos e existe um diálogo constante entre mim e Rodrigo Lemos (design de som). E assim, é hipnótico, pois os movimentos são repetidos, a difusão sonora é planejada para produzir uma alteração perceptiva do espaço, e é ainda hipnótico, pois enquanto me movo imagino e me “transporto” para paisagens imaginárias, e isso é uma estratégia do processo hipnótico.”

Design de som

O músico curitibano Rodrigo Lemos, realiza uma performance “ao vivo” aplicando samplers e mixando diferentes filtros e efeitos sobre minha voz que é amplificada por um microfone sem fio.

O conceito sonoro, que consiste em amplificar e deformar a voz, foi desenvolvido por Vincent Dupont, coreógrafo francês com que trabalho como intérprete em “Souffles” (2010).

Design de Luz

A designer de luz Fábيا Regina compõe um ambiente verde-azulado, entremeado por cores quentes, que constroem um espaço luminoso por vezes feito de cores ácidas, reforçando a atmosfera hipnótica apresentada no trabalho de distorção da voz.

Ficha Técnica:

Performance: Michelle Moura

Design de som: Rodrigo Lemos

Execução som: Vadeco

Design de luz e operação: Fábيا Regina

Maquiagem: Aurélio Dominoni

Produção: Wellington Guitti

Agradecimentos: Gustavo Bitencourt, Elisabete Finger, Jennifer Lacey, Agnieszka Ryskiewicz, Renata Moura, Raphaëlle Latini.

Apoio: Centre National de Danse Contemporaine de Angers, direção de Emmanuelle Huynh, Ménagerie de Verre dans, le cadre de Studiolab, Programme de résidences internationales Ville de Paris/Institute Français aux Récollets.

Um projeto: Couve-Flor Minicomunidade Artística Mundial

Esta criação faz parte do projeto “6 por ½ dúzia” contemplado pelo prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2009.

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “Aaleef”

Companhia: Cie Anania / Taoufiq Izeddiou (Marrocos)

Apresentação: 27 de outubro, quinta feira, 20horas, e 28 de outubro, sexta-feira, 21horas.

Local: Espaço Cultural Ambiente (Rua Grão Pará, 185, Santa Efigênia. Tel.:(31) 3241-2020)

Classificação: Livre

Duração: 40 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse / Release:

Em *Aaleef*, Taoufiq Izeddiou marca o momento de iniciação e de incerteza com o qual toda busca nova por si mesmo e pela escrita de sua própria história, se associam. “Estou com raiva. Minha energia é alucinada, esperta, lenta, controlada, cansada, exausta, comedida... Sou um marroquino? Um africano? Da região mediterrânea? Um árabe? Ou um cidadão do mundo?” “Uma ferida aberta” é como Toufiq descreve a questão de sua própria identidade. E, esboça um solo que também reflete a luta ligada a uma vida na dança contemporânea no Marrocos. Opta por uma forma de arte que em sua busca inerente por um “outro” corpo nos confronta com a nossa própria identidade pessoal e nacional, com a história oficial e com a história familiar, em algum lugar entre tradição e modernidade. Juntamente com o músico tradicional Gnawa, Maâlem Adil Amimi e Guy Raynaud, designer de som, uma jornada atmosfericamente densa se desenvolve através da memória na tentativa de se poder dizer “EU” (do francês, Je) novamente.

“Hoje quebrei meus dentes enquanto tentava morder as barras da janela. Cuidadosamente mantive o gosto do ferro na pele da minha língua.

Dois pais, um me deu seus olhos, o outro, seu olhar. Talvez seja o contrário. Quem sabe!

Você estava dormindo?

Se eu partir, eu morro. Se eu ficar, eu morro também.

Manter o vazio em tensão. Você acabou de tossir em mim.

Tenho um sentimento que corre pelas minhas veias e me convida a dançar, dançar, dançar.

Tenho uma raiva ensandecida. Minha energia é insana, sábia, lenta, contida, cansada, exaurida, controlada...

Tenho ouvido tanto essa pergunta - “Quem sou eu” - que eu não quero mais explicá-la. Não papai, não mamãe.

Papai, mamãe, não façam bebês! Minha única família sou eu?
Qual é a sua dança? Qual é a minha dança?
Sou marroquino? Sou africano? Sou mediterrâneo? Sou árabe? Sou um cidadão do mundo? Eu e o outro?
A liberdade do Afeganistão é diferente de remover a burca. Obama presidente é diferente do fim do racismo.
Vamos, todos juntos, demarcar o solo e respirar como cachorros”.

Ficha Técnica:

Direção, criação, coreografia e espaço: Taoufiq Izeddiou

Bailarinos: Taoufiq Izeddiou

Designer Som: Gnawa, Maâlem Adil Amimi e Guy Raynaud

Intérprete: Taoufiq Izeddiou

Produção: Companhia Anania

Oi Cabeça FID

Tema: “Corpos nas redes sociais”

Propositores: Daniela Kutschat e Coletivo Movasse

Apresentação: 27 de outubro, quinta-feira.

Local: Multiespaço Oi Futuro (AV. Afonso Pena, 4001, Térreo, bairro Mangabeiras. Tel.:(31) 3229-3131)

19 horas e 30 minutos

Classificação: livre

Entrada gratuita. Limitada a capacidade do local.

Sinopse / Release:

“Corpos nas redes sociais”

A partir do projeto Mov Post do coletivo Movasse, a professora e artista plástica Daniela Kutschat vai discutir e comentar experiências de corpo nas redes sociais. Bolsista do Programa FID Território Minas, o projeto Mov Post propõe a criação de uma rede de relações sociais através de pequenos vídeos, utilizando o Facebook. O intuito é aproximar a dança das pessoas, levando-as a perceber o quanto o movimento está presente em suas vidas e também objetiva desfazer a idéia de que esta manifestação só existe em espaços convencionais ou formatos mais difundidos. Entre os objetivos do Mov Post destaca ainda o de verificar a possibilidade do corpo se manifestar de forma autônoma no âmbito das redes sociais; uma maneira de testar a ação corporal como uma forma de "linguagem", tendo ela o semelhante poder de comunicação que a palavra escrita possui nos meios digitais. O projeto abre ainda espaço para a interatividade no processo colaborativo e criativo entre bailarinos. E ainda provocar a prática 'do it yourself' - gênero muito aplicado recentemente no meio da arte e tecnologia.

52

Daniela Kutschat

É artista plástica. É doutora em artes pela ECA-USP e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e do Centro Universitário SENAC. Desenvolve obras e instalações que exploram relações corpo-espço e também se dedica à pesquisa de interfaces entre arte e design. Participa de eventos de arte-tecnologia e cultura digital e de exposições nacionais e internacionais. Dentre os prêmios e bolsas obtidos constam Rumos Itaúcultural, Prêmio Sergio Motta de Arte Tecnologia; Beall Center for Art and Technology, University of California, Irvine; Transitio MX, México. Em 2009-2010 colaborou com o Clube Ur=H0r de Belo Horizonte.

Coletivo Movasse

Formado por Carlos Arão, Andréa Anhaia, Cibele Maia, Ester França e Fábio Dornas Movasse , um transito livre de pessoas e ideias. Contemplado com o prêmio Estímulo da Fundação Clóvis Salgado 2006 para montagem do Espetáculo : “ E Se...” Rumos Itaú Cultural em São Paulo 2006/2007 para desenvolvimento da pesquisa “*Imagens Deslocadas*” Festival 1, 2 na dança de Belo Horizonte em setembro de 2006 criando “*Diante do Por do Sol*” e “*Um Passo a Mais*”.

FIT BH e Festival de Inverno da UFMG em Diamantina em 2008 com “*Um Passo a Mais*”.

Laboratório de Textualidades Cênicas (Arte Expandida) da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte em 2008 criando a intervenção “*Fábulas do Agora*” Prêmio Klaus Viana/2008 – Funarte criando o espetáculo “*De Cujus*” FID 2006/2007/2009 Espetáculos: “*Curvas de um Quadrado*” e “*Um Passo a Mais*”, Residências: Cia HVDZ (França). Ocupação Teatro Cacilda Becker.

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “Âataba”

Companhia: Cie Anania / Taoufiq Izeddiou (Marrocos)

Apresentação: 29 de outubro, sábado e 30 de outubro, domingo.

21 horas

Local: Teatro Oi Futuro Klauss Vianna (Av. Afonso Pena, 4001, Térreo, Mangabeiras. Tel.:(31) 3229-3131)

Classificação: Livre

Duração: 60 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse / Release:

Notas sobre o trabalho.

“Não é habitual cruzar a soleira da porta de uma casa no Marrocos sem pisar nela com o pé direito e dizer “Bismillah”. Dessa maneira, a pessoa cumprimenta e abençoa seu anfitrião. Entretanto, existem outras soleiras no meu país. Soleiras cujos cruzamentos trazem considerações para além da tradição. Clubes privados como boates e bares se multiplicaram nos últimos anos. Localizados geralmente em porões, esses lugares requerem certas habilidades... São poucos passos e você pode se encontrar na rua, onde não cabem espanto e deboche. É necessário ser impecável. A polícia está sempre por perto.

Embora, muitos marroquinos - homens e mulheres – levem uma vida dupla que revela uma hipocrisia social, um homem pode ser considerado um homem de respeito aos olhos de seus familiares durante o dia enquanto à noite ele dança com uma jovem garota de outra cidade – se ela não for uma prostituta.

E ainda assim, o que vejo nesse homem, nesse momento, é um sorriso, uma pausa das convenções – uma liberdade. Essa liberdade, mesmo o perfume dela, é o que procuramos nesses locais escondidos. De botecos a noitadas VIP, somos levados a lugares onde corpos revelam-se a si mesmos e aos outros e onde drogas, álcool e prostituição não são banidos na entrada. Uma forte sensualidade invade esses espaços: As pessoas vêm aqui para se embriagar, dançar, se travestir e dar uma geral. O mundo interior de cada convidado precisa ser invisível no exterior. Nas ruas, a exibição do status profissional ou religioso prevalece e os corpos param de ser eles mesmos. Nos porões, todavia, eles não se escondem mais: eles ousam, eles vivem, eles se divertem. E se esquecem de tudo. Poderia ser qualquer lugar no mundo... Mas é o meu país, o Marrocos.

Eu proponho, através da arte da dança, fundir um olhar sobre essa dualidade e questionar a existência da coreografia contemporânea marroquina. Nós que estudamos na França, na Europa e em outros lugares, não queremos aparecer como marroquinos imitando protótipos ocidentais, mas também não queremos apresentar as danças tradicionais com um exotismo oriental que não leva em conta nossa pesquisa no exterior. É necessário assim, criar novos trabalhos que combinem nossos próprios gestos, nossos próprios passos e nossa herança com nosso entendimento da dança contemporânea.

Para “*Áataba*” (o limiar), eu convidei cinco bailarinas: quatro marroquinas e uma francesa. Espero que seus diferentes históricos coreográficos resultem em ambos: confrontação e surpresa. Uma cantora oriental irá acompanhá-las e também uma trilha sonora feita com gravações em boates, vozes de líderes Árabes ou Africanos e sons de uma corda amplificada. Haverá também a presença de “bendirs” no palco, pandeiros que existem quase em todos os lugares do mundo.

Então, qual é a identidade dessa dança? Ela está em processo de nascimento em meu país. O Marrocos sempre esteve no cruzamento de várias influências: os Berberes com suas danças, os Árabes com o Islã, depois a Espanha e os judeus e, os escravos chegando da África...

E eu: primeiro um boxeador, depois um estudante de teatro e dança, agora um bailarino. Treinei e estudei na Europa... Nossa identidade está emergindo no ponto de encontro dessas influências passadas e novas.

A história desses corpos, escondidos de dia, e em busca de liberdade à noite, será contada pelas mulheres: bailarinas que podem carregar aqueles seres através de todas as suas transformações, suas alegrias e sofrimentos, sua violência, seu medo, seus desejos e mostrá-los ao espectador – no limiar de uma nova visão.”

Taoufiq Izzeddiou

Ficha Técnica:

Classificação: Dança Contemporânea

Criação: 2008

Coreografia e espaço: Taoufiq Izzeddiou

Concepção musical: Guy Raynaud

Intérpretes: Ahlam Ettamri, Marjorie Moy, Amal Naji, Hassania Himmi, Sabah Zaidani

Produção: Companhia ANANIA

Co - produção: Rencontres chorégraphiques internationales de Seine-Saint-Denis, Service culturel de l’Ambassade de France (Rabat), ARCADI, Cultures France, Centre National de la Danse, Pantin.

FIDinho

Espectáculo: “Espalha pra Geral!”

Companhia: Denise Stutz e Felipe Ribeiro (Rio de Janeiro / RJ)

Apresentação: 29 de outubro, sábado e 30 de outubro, domingo.

16 horas

Local: Teatro Marília (Av. Alfredo Balena, 586, Centro. Tel.:(31) 3277-4697)

Classificação: Livre

Duração: 50 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse:

Um menino que não sabe dançar e uma menina que não conhece o mar. Duas vontades que levam os dois pelo mundo afora descobrindo e fantasiando situações. Cada aparição é uma estrofe dessa peça-poesia que surge entre o movimento, os objetos de cena e o uso lúdico da tecnologia.

Release:

Denise Stutz e Felipe Ribeiro trazem ao público infantil *Espalha pra Geral!*, um novo espetáculo de dança contemporânea. Interessados no imaginário das crianças de hoje em dia, ao longo de 50 minutos a dupla faz do palco um universo em que desde a mais simples brincadeira de rua a sofisticados jogos de tecnologia. Em *Espalha pra Geral!* a proposta é tirar a criança da passividade do espectador teatral e através do jogo fazê-la participativa do espetáculo tornando-a parte da obra. Aproveitando-se do hipertexto das fantasias e de histórias sem fim, a peça traz mudanças rápidas de temas que vão se costurando e construindo um pensamento que estimula a poesia e a imaginação.

As histórias incompletas abrem cada vez mais possibilidades de brincadeiras que começam entre os bailarinos, passam para crianças escolhidas, e por fim invadem toda a platéia, mudando a relação entre o espaço do palco e da arquibancada. *Espalha pra Geral!* como o próprio nome diz é um convite ao público se deixar contaminar pela alegria que a experiência cênica pode criar, e levá-la adiante jogando-a no mundo em forma de poesia, música, dança.

A peça teve sua estréia oficial em cinco apresentações no Festival Panorama de Dança de 2010.

Breve Histórico

Espalha pra Geral! É o terceiro espetáculo da parceria entre Denise Stutz e Felipe Ribeiro. Depois de diversas apresentações no programa Entrando na Dança, *Espalha pra Geral!* foi apresentado 5 vezes no Panorama de Dança 2010, quando efetivamente estreou na cidade do Rio de Janeiro.

Antes de *Espalha pra Geral!* a dupla já havia feito “*Dançar e Imaginar*” comissionado pelo Panorama especialmente para duas apresentações extraordinárias; e “*Justo uma Imagem*”, projeto contemplado pelo programa Rumos Itaú Cultural de dança, em 2010, também foi apresentado no Itaú cultural, no SESI Paulista, e percorreu o circuito de Festivais de dança no Brasil, sendo atualmente adaptado para o cinema.

Denise Stutz

A bailarina iniciou seus estudos de dança em Belo Horizonte. Em 1975 junto com outros 10 bailarinos fundou o Grupo Corpo. Trabalhou com Lia Rodrigues como bailarina, professora e assistente de direção. Foi professora do curso técnico da Escola Angel Viana. A partir de 2003 começa a desenvolver seu próprio trabalho solo, apresentando-se na França, Espanha e África. Seu solo "DeCor" foi apontado pela crítica de "O Globo" como um dos dez melhores espetáculos apresentados no Rio de Janeiro no ano de 2004. Em 2005 estreou o solo "Absolutamente Só" no Itaú Cultural em São Paulo e em 2007 criou "Estudo para Impressões" estreando em Madrid. Em 2008 trabalhou uma releitura dos seus trabalhos em "3 solos em 1 tempo" se apresentando no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Goiania, Madrid. Em 2009 apresentou "3 solos em 1 tempo" nos festivais Move Berlim e na Bial de dança de Fortaleza. Foi convidada pelo Festival Panorama da Dança para trabalhar com os artistas do Colaboratorio no Rio de Janeiro e em Teresina.

57

Felipe Ribeiro

Mestre em Cinema Studies pela NYU, documentarista e artista visual, professor do curso de Cinema da Universidade Estácio de Sá, e pesquisador associado do Instituto de Artes Visuais da UERJ. Autor de vídeoinstalações escreveu e dirigiu a peça teatral “Trans-Tv”, em que atores contracenavam com imagens editadas ao vivo, projetadas sobre um planorelevo.

É também consultor artístico da Bial de Par em Par de Vídeo e Dança do Ceará. Ministrou diversos workshops pelo Brasil e conta com publicações eminentemente sobre filosofia e performance.

Ficha Técnica:

Texto, criação, e roteiro: Denise Stutz e Felipe Ribeiro.

Produção e direção: Denise Stutz e Felipe Ribeiro.

Música / Trilha Sonora: Gui Stutz

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “The Continuum: Beyond The Killing Fields”

Companhia: TheatreWorks (Singapura)

Apresentação: 29 de outubro, sábado e 30 de outubro, domingo.

19 horas

Local: Teatro Sesiminas (Rua Padre Marinho, 60, Santa Efigênia. Tel.:(31) 3241-7181)

Classificação: 16 anos

Duração: 110 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse :

A tragédia e a desolação, sofridas pelo povo cambojano, nas mãos do Khmer Rouge no final dos anos setenta, é compartilhada nessa produção de cunho documentarista profundamente pessoal. À frente dessa produção poderosa e emotiva está a artista mestra Em Theay, bailarina-professora do Cambodian Royal Classical Dance e sobrevivente do Khmer Rouge. Durante o massacre, nove entre dez artistas foram mortos por Pol Pot em sua tentativa fanática de colocar o país de volta ao ano zero. Apesar da perseguição, Em Theay sobreviveu, e esta é sua história de superação de adversidades e de dor, e a história sobre a reconstrução da sociedade e da cultura no Camboja.

58

Release:

The Continuum: Beyond The Killing Fields traz a dança, a música e o teatro de sombras tradicionais cambojanos e ainda vídeo documentários – todos conectados pela contação de histórias dos artistas cambojanos. A produção foi concebida e dirigida por Ong Keng Sen (diretor artístico do TheatreWorks de Singapura) – conhecido internacionalmente como um dos diretores mais intrigantes do teatro asiático.

O que acontece depois da dor?

O Camboja se lembra de si mesmo

Texto de James Leverett

Agosto 2001

Em 23 de junho, o jornalista do New York Times, Seth Mydans, noticiou que o túmulo de Pol Pot tornara-se um lugar de veneração. Os veteranos do exército do

Khmer Rouge, que levou à vitória e a dominação de seu país entre 1975 e 1979, vêm rezar por um bilhete de loteria premiado ou a cura para a malária, nessa área das perigosas selvas montanhosas na fronteira entre Tailândia e Camboja. Também os menos implicados no governo de Pol Pot, deixam suas oferendas no ainda escurecido pedaço de terra onde um dos monstros, de um século assombrado por monstros, foi cremado há três anos atrás – não muito distante da cabana onde ele morreu ou foi assassinado pelos seus próprios seguidores. Esses peregrinos não estariam entre as vítimas desse assassino que aniquilou mais de um milhão de pessoas de seu próprio povo? Eles não lutam também para sobreviver num país que ele arruinou tão completamente que ainda hoje, um quarto de século mais tarde, manca em direção à recuperação?

O horror inimaginável do período de Pol Pot, que inclui 18 anos de guerrilha depois que seu governo foi derrubado pela invasão vietnamita, nunca recebeu uma contabilidade adequada em seus arquivos históricos e certamente nunca o recebeu através do esclarecimento e libertação que os tribunais contra crimes de guerra poderiam oferecer. Os cambojanos foram deixados no meio de sua própria confusão sobre seu líder. Apenas um líder tão poderoso e carismático, que proclamou a si mesmo como salvador e libertador de seu povo, poderia ser responsável por tal mal. Como Mydans observa, eles estão “livres para reinventar seu passado numa tentativa de diminuir a dor”. Por isso, a construção do santuário para o monstro Pol Pot na selva.

59

A fim de ganhar alguma vantagem sobre as nuvens de ironia funesta que se agitam envolta de tal circunstância, talvez alguém possa enxergar tudo isso como um indicativo de algum tipo de processo fundamental de cura para poder se seguir adiante: um processo de construção de um mito. Que conexão poderia haver entre a criação da lenda de Pol Pot e aquela, perdida no tempo, que chega até nós como a história da Casa de Atreus ou da Casa de David? Tais histórias abrangem crime, culpa, trauma, morte e por fim, purgação, reconciliação e um caminho que leve ao futuro. É uma história como a de Pol Pot, tão contundente, que precisa ser contada - a despeito de como as forças das circunstâncias possam distorcer o ato de contar essas histórias - a fim de superar a paralisia espiritual que tudo aquilo causou? Qual é a relação entre história, memória, narrativa e o fato mesmo da sobrevivência? E claro, partir disso tudo para a arte?

Essas são as preocupações de Ong Keng Sen que, como diretor artístico da Companhia TheatreWorks (Singapura), fundou o Flying Circus Project em 1994. Esse projeto trata-se de um workshop multimídia intercultural que explora o encontro entre as performances artísticas tradicionais e o mundo contemporâneo. Suas produções conhecidas internacionalmente tendem a ser grandes e ambiciosas. A exemplo disso, a recente *Desdemona*, que começa com a história de

Shakespeare que então é adaptada em um roteiro japonês, elaborada por músicos coreanos, bailarinos-atores indianos, um bonequeiro tradicional birmanês, dois vídeo artistas (um de Singapura, outro da Coreia) e um designer de luz estadunidense, culminando em um trabalho que confrontou, entre outras coisas, a dominação sexual e colonial. Mas até que ele fosse para o Camboja, teria encontrado as forças fundamentais para lidar com suas preocupações num tal nível elementar? Lá, como ele mesmo disse em uma entrevista concedida em junho passado no Festival Internacional de Artes e Idéias, em New Haven, Connecticut – ele encontrou o mito antes de se tornar mito, a arte antes de se tornar arte.

Ele esteve no Camboja em setembro de 2000, na esperança de encontrar artistas tradicionais para levar para Singapura e participar do Flying Circus. Lá ele se encontrou com Em Theay, 68 anos, uma importante cantora e bailarina clássica que sobreviveu a Pol Pot. Ela está entre aqueles chamados “dez bailarinos”: para cada um que viveu, outros nove não conseguiram sobreviver. Três de suas irmãs pereceram com quatro de seus Oito filhos, uma avó e um cunhado. Ela é agora uma *kru*, uma mestra (tal qual um guru indiano), transmitindo sua arte a gerações completamente afastadas da tradição, cuja origem data de 1700 anos atrás. Keng Sen já tinha tido a idéia de montar uma grande peça que incorporasse a vida e o trabalho de seis ou sete artistas veteranos de diferentes partes da Ásia. Quando Cynthia Hedstrom, diretora de programação do Festival de New Haven, expressou interesse nesse encontro cambojano, a idéia começou a tomar forma.

60

Surpresa, dúvida e oposição eram os sentimentos mais fortes entre aqueles que chegaram ao Camboja para aliviar sua população devastada. Entre eles, os trabalhadores das inúmeras organizações não governamentais que já se encontravam lá há mais tempo. Keng Sen é famoso como diretor “*avant-garde*”, que coloca artistas de diferentes backgrounds juntos em livre experimentação - o que ele chama de “negociação cultural”. Colocar artistas como Em Theay, em situações em que tenham que interagir com outros – com os mais frágeis aos mais contemporâneos backgrounds - confrontando o desastre de suas histórias pessoais balançaria seu equilíbrio tão duramente alcançado. Eles não tinham experimentado o horror enquanto artistas, mas enquanto seres humanos. Como se podia esperar que eles explorassem esse material para o trabalho estético de outra pessoa? Esse esforço para proteger algumas das mais afetadas vítimas do século vinte era compreensível e ao mesmo tempo, desencorajador.

Apesar disso, quatro cambojanos foram trabalhar no laboratório do Flying Circus, incluindo a dançarina Kim Bun Thom e o mestre de fantoches, Mann Kosal. Keng Sen encontrou-os ávidos e livres para participar, para improvisar dentro de suas disciplinas e para abrir suas vidas à outros artistas na medida em que se comprometiam com o complexo mundo à sua volta. Encorajado, o diretor voltou ao

Camboja em janeiro de 2001 e encontrou-se com Em Theay e sua filha mais velha, Thong Kim Ann, também bailarina, que já havia interpretado muitos dos papéis da mãe. Eles conversaram por uma semana, durante seis horas por dia, discutindo as implicações de se contar as histórias de suas vidas em público. “Eu queria sentir que poderíamos estar realmente alinhados quanto à isso” relembra o diretor. “Eu não queria ir até lá e “comprar” suas histórias. Eu perguntava constantemente, como poderíamos apresentar aquele material com o tipo de sensibilidade que permitiria que o projeto fizesse parte de um processo de cura”.

Em Theay abençoou o projeto. Dois workshops exploratórios estavam marcados para os meses de fevereiro e maio. Os participantes seriam: a *kru* e sua filha, os participantes do Flying Circus, Bun Thom e Mann, o tradutor cambojano Sotho Kulikar, o videoartista e performer Noorlinah Mohamed de Singapura, o produtor do TheatreWorks, Tay Tong e o diretor Keng Sen.

A cidade-templo de Angkor foi escolhida para receber o primeiro workshop. Keng Sen não queria retirar os artistas de sua cultura, mas queria afastá-los de suas casas em Phnom Penh. Não se tratava apenas das considerações práticas quanto à criação de foco e um ambiente protegido das distrações cotidianas, mas tratava-se também de um aspecto simbólico de separação. A primeira ação de Pol Pot quando chegou ao poder em 1975, foi esvaziar a capital. Na época isso pareceu razoável como estratégia extrema para limpar o país da corrupção desenfreada associada ao recém derrubado ditador, Lon Nol. O Khmer Rouge anunciou que a evacuação duraria apenas três dias. Quem poderia imaginar que apenas alguns poucos cidadãos veriam suas casas novamente no período de quatro anos e que milhares, particularmente artistas, intelectuais e profissionais liberais jamais retornariam?

Obviamente, a denúncia de um grupo não é mais defensável que a de outro, mas porque a querela contra os artistas, mais especificamente, contra os bailarinos?

Quando viu os antecessores daqueles bailarinos cambojanos, atuarem em Paris em 1908, o escultor Rodin escreveu: “É impossível ver seres humanos num alto estado de perfeição...Temos somente eles e os gregos...”. Ironicamente, a adoração européia pela cultura cambojana, teve seu papel na sentença de morte de Pol Pot. Durante seu governo, de meados do século XIX à 1940, os franceses contribuíram consideravelmente para a preservação do *lakon krabach boran* como é chamada a “dança das senhoras dos palácios”. Mesmo a tendo separado do controle real, deixando-a ser cultivada em salões de aficionados coloniais e permitindo que elementos estrangeiros a permeassem, especialmente da Tailândia. Quando Norodom Sihanouk foi coroado rei em 1941, ele e particularmente sua mãe, Kossamak, buscaram purificar a forma mesmo quando a modernizavam. Durante os anos sessenta, sua filha Bopa Devi, presidia, como bailarina principal, uma trupe de 254 membros, mais uma vez sob a jurisdição do palácio. Mas

existiam outras companhias também. No Camboja, quem controlava a dança, controlava a nação. Pol Pot queria destruir aquela conexão histórica com o poder.

Em seus esforços, para preservar a autenticidade da dança clássica cambojana, a Rainha Mãe Kossamak, buscou modelos visuais nas esculturas milenares de Angkor. Foi ela que viu de uma janela do palácio, a garota de sete anos, Em Theay, praticando no espaço de treinamento do palácio. Ela decretou que a estudante aprendesse as danças do gigante (os outros três papéis tradicionais eram príncipe, princesa e macaco). A garota apresentou-se diante do rei em Angkor e ele compôs uma canção especialmente para ela.

O workshop começou ali, em uma pagoda providenciada pelo Centro para Estudos Khmer.

Keng Sen descreve o processo: “Durante os dois workshops, nós nos sentávamos no chão e falávamos enquanto alguém traduzia. Nós gravamos tudo – mais de cem horas de material. Algumas vezes, Em Theay, dançava enquanto ia falando, encenava algo sobre a vida no palácio ou sobre o treino rigoroso. Pode-se ver cenas na performance que dão uma idéia de como eram os ensaios.

“Depois das conversas, eu resumia o que tinha sido dito em vários tópicos. Voltava para os ensaios com esses tópicos, e perguntava o que pensavam sobre eles. O processo de avaliação era muito importante. Eles nos contavam algumas coisas em particular, que não queriam que fosse compartilhado com 200 pessoas.”

62

“Á princípio, tínhamos que parar nossas sessões porque todos nós ficávamos sufocados, mas o processo de cura ficou evidente. Depois de dez dias em Angkor, as histórias voltaram-se para o seu retorno a Phnom Penh. Eles tornaram-se visivelmente mais confiantes, quase triunfantes. Tinham permitido que suas feridas se abrissem e tinham completado o primeiro estágio de algum tipo de recuperação”.

“Quando retornamos em maio, ficou evidente que os locais diversos eram muito poderosos por causa das memórias que cada um trazia. Em Phnom Penh, visitamos o antigo palácio onde Em Theay iniciou sua carreira e o Tuol Sleng, o centro de tortura e detenção do Khmer Rouge, que é hoje um museu. As paredes lá estão cobertas com fotos das vítimas, algumas das quais, nossos artistas conheciam. Descobri que as pessoas não consideravam nem esse, nem o Killing Fields (Campos da Morte), espaços que tinham acabado de abrir, como memoriais do que aconteceu – memoriais feitos para eles. Eles achavam que tais espaços, haviam sido apropriados pelos poderes políticos atuais para assegurar sua política, culpando Pol Pot por tudo que estava errado. Nossos artistas disseram que muitos moradores ainda não conheciam aqueles locais. “Muitos fantasmas”, eles diziam.

“Quando Pol Pot esvaziou Phnom Penh, as pessoas foram enviadas para campos de trabalho pelo país, principalmente para abrir florestas para pastagens. A vida era completamente nômade. Geralmente, eles não viviam em uma vila em particular, mas mudavam-se o tempo todo para locais que não conseguem mais reconhecer. De nossos quatro artistas, dois não conseguiram traçar exatamente onde eles estiveram durante aqueles quatro anos. Eles não conseguem voltar para encontrar os ossos de familiares e amigos que morreram lá. Naquele tempo, eles não podiam nem enterrar seus mortos. Há um completo apagamento do passado.”

“Em Theay e sua filha, tiveram mais sorte porque permaneceram em uma vila somente na Província de Battambang. No começo dos ensaios em fevereiro, eu sugeri que voltássemos àquela vila. Na época, elas disseram que preferiam não voltar, a não ser que fosse realmente necessário. Já em maio, fiquei impressionado com a insistência de Em Theay e Thong Kim. Era como se elas estivessem nos guiando para a vila. Elas estavam ansiosas para contar a história. Como na Revolução Cultural Chinesa, os fazendeiros da vila eram responsáveis pelos trabalhadores. Houve uma inversão completa na estrutura de poder. Quando nós voltamos lá, aquelas famílias de fazendeiros ainda estavam lá. Elas também foram vítimas de Pol Pot, é claro, mas ao mesmo tempo, tinham sido colocados em posições disciplinares. Nossa companhia encontrou os fazendeiros que foram responsáveis por suas vidas há vinte anos atrás e houve lágrimas de reconciliação. Em Theay nos mostrou onde as pessoas eram mortas e onde estavam as valas coletivas. Ela sobreviveu precisamente por causa de sua dança e seu canto. Ela era útil distraindo as crianças enquanto o resto trabalhava. Todos eles tinham a urgência de nos contar aquelas histórias e agora tinham a urgência de contá-las a um público também.”

Mas qual seria essa audiência e através de qual forma? Essas questões tinham efeito sob os pressupostos mais básicos na criação da performance – os papéis daqueles que a criam e o que significaria vê-la.

No Festival de New Haven, o público recebeu uma tradução impressa do que estava sendo dito no palco. De acordo com uma nota no programa, esse livreto ajudaria na compreensão dos aspectos documentais da produção, permitindo ao mesmo tempo, que o público pudesse escolher entre focar sua atenção na performance e ler o roteiro num momento apropriado. O público não precisaria ler as legendas e poderia se concentrar na musicalidade de uma língua diferente, na atmosfera que envolvia os artistas e nas mudanças de emoção em seus rostos.”

A distribuição do roteiro foi uma solução razoável para um problema prático, mas trouxe problemas estéticos imediatos: apreciar a musicalidade de uma língua traz, de alguma maneira, uma separação do que está sendo dito; apreciar as mudanças nas emoções dos artistas sem saber a causa daquelas emoções e até mesmo ver

os participantes como artistas.

A filha de Thong Kim Ann morreu nos campos de trabalho em decorrência do stress da vida que levava lá. Abaixo, o resto da história contada por ela e reproduzida no roteiro:

Quando minha filha morreu, meu marido estava há 20 quilômetros, trabalhando num outro campo de trabalho. Quando ele finalmente retornou, ficou chocado ao ouvir sobre sua filha. Ele não queria mais viver. Queria pedir ao chefe do meu campo de trabalho para permitir que meu marido ficasse comigo e trabalhasse nos campos de milho. Meu marido concordou em fazer isso por mim. Eu implorei ao chefe que permitisse sua permanência. Ele não disse nada por um longo tempo, até que convocou alguém. De repente, dois soldados vieram e amarraram os cotovelos do meu marido atrás de suas costas. Eu gritei: “Fiz um grande erro ao fazer esse pedido. Permita que meu marido volte para onde ele estava antes. Deveria ser mais fiel ao Aung Kah (Khmer Rouge). Por favor, permita que meu marido volte para onde ele estava”. Eles levaram meu marido para prisão. Nunca mais o vi.

“Quando pedia a eles que contassem essas histórias, tinha a chance de me transformarem num juiz” disse Keng Sen.” “Thong Kim viria a me perguntar se eu achava que ela era culpada da morte de seu marido”. Pelo fato de ter pedido a eles que contassem as histórias, eles me viam com uma espécie de figura de autoridade. Eu tinha concebido o projeto e colocado-os juntos. Tive que ter um tipo de responsabilidade que diretores não tem”. Deve-se acrescentar, que ele foi intimado a julgar onde não havia nenhum processo legal de julgamento, nenhum processo por culpa. E, nem era ele um terapeuta numa cultura onde não há brechas para a cura individual. A reação pessoal usual às atrocidades tem sido a vergonha, que se torna uma maneira de se lidar com o passado.

Outras questões apareceram depois que o projeto foi mostrado para o público pela primeira vez, em New Haven: “Havia novos choros. Em Theay é muito mais meditativa. Agora com setenta anos, ela parece sentir que tudo aquilo faz parte de sua história. As mais jovens sentem muito fortemente, que suas vidas foram recuadas, destruídas, roubadas. Falei com elas mais tarde – e isso é uma das tensões de ser um diretor em circunstâncias incomuns como essa. Com atores teria dito: “Chega pessoal, vocês estão chorando muito. Vocês estão dispersando o público. Vocês precisam se controlar, porque o controle leva ao poder”. Mas não posso dizer isso a elas. Não posso dizer a elas como sua história deve ser contada. Noite passada, disse a elas que gostaria que o público acreditasse que eles são um povo corajoso e não vítimas subjugadas do passado.

“Isso é muito difícil em um país como o Camboja, que depende tanto de doações

estrangeiras que chegam via organizações humanitárias. Há uma mentalidade de vitimização. Eles têm que representar aquele papel para conseguir esmolas. Embora isso prevaleça em algumas áreas do país, o povo do Camboja é muito perseverante e muito corajoso. Então, disse a elas, que elas estão passando para um momento de transição onde suas lágrimas precisam ser derramadas por outras razões. Elas não podem continuar sendo apenas, lágrimas tristeza. O que acontece depois da dor? A peça se chama: *The Continuum: Além dos Campos da Morte*.

É uma apresentação simples, a maior parte dela tem origem no trabalho básico no Camboja: os participantes se encontram, contam suas histórias e naturalmente expandem sua narração em dança e música. Aqueles segmentos são pontuados pelo vídeo de Noorlinah Mohamed, que nos leva diretamente aos locais que ouvimos falar: a vila do campo de trabalho, o museu de Tuol Sleng e seu arquivo de mortos. Às vezes as sequências têm uma direção mais documental. Às vezes elas surgem de repente, como nas nuvens de besouros pretos que saem das paredes corroídas depois de uma tempestade. O que vemos é conectado pela paisagem sonora do compositor japonês Yen Chang que trabalha com uma trilha, contendo, na maior parte do tempo, sua própria voz alterada eletronicamente, exceto na dança. Essa acontece em silêncio.

65

Também acontece em roupas de ensaio, exceto pela cinta roxa que Em Theay usa para indicar sua patronagem real. A princípio, ela tinha uma idéia fixa. Não era dança clássica sem os ricos figurinos de ouro e os elaborados arranjos de cabeça. Mas depois de algumas semanas, ela começou a ver sentido naquilo. Ela percebia que eles estavam saindo e entrando de histórias pessoais constantemente. Até mesmo as danças *lakron krabach boran*, estavam sendo apresentadas como histórias pessoais. Ela apenas se levantava e se lembrava de sua sequência favorita. Foi como ela decidiu encenar isso. Para Ken Sen, uma pessoa que vinha de fora, era muito impressionante: a habilidade de deslizar entre alegria e tristeza de uma maneira que é quase impossível de compreender: “Num momento estavam rindo e logo em seguida voltavam a ter lágrimas nos olhos”.

Em uma das passagens emblemáticas que parece confirmar o título, nós assistimos Em Theay, Thong Kim Ann e Kim un Thom ensinando Noorlinah Mohamed, sua arte. Assim como faziam com seus estudantes em Phnom Penh, elas guiam seu corpo nas posições corretas gentilmente, mas com firmeza, apesar da dor evidente. O conhecimento é passado mesmo além das fronteiras geográficas e históricas – um continuum. Se as formas tradicionais eram de alguma maneira, perfeitamente mantidas, suas performances teriam agora uma qualidade museológica indiscutível. Apenas deslocando a arte da tentativa de sua destruição em direção à uma encenação mais ampla – ela não apenas sobreviverá, mas reviverá.

Tal renovação se manifesta no trabalho do bonequeiro tradicional, Mann Kosal. Ele pratica a arte de *nang shek*. Os fantoches do Camboja não são como as imagens pequenas e articuladas familiares para nós, vindas de Java ou Bali. Eles são painéis de 1.400 metros nos quais indivíduos parecem trazer seu próprio cenário com eles. Até agora, eles tinham representado apenas personagens do Ramayana, mas Mann criou soldados do Khmer Rouge e outras figuras contemporâneas. Um destaque em vídeo mostra-o escolhendo um couro de vaca, deixando-o para curtir e entalhando uma de suas criações. Tomará seu lugar juntamente com aqueles dos épicos ancestrais.

Continuum requer uma abordagem que a coloque longe até mesmo da produção artística mais experimental. Sua estética nasce da tentativa de envolvimento com as pessoas, mais do que da forma. Keng Sen considera que o processo que seu grupo está ainda desenvolvendo, é um processo de cura, mas é também um processo de construção de um mito que nos leva ao passado, não apenas aos novos fantoches tradicionais e às histórias pessoais que são danças clássicas, mas também àquele santuário para Pol Pot. Parte da exploração original da companhia envolve na verdade, a criação do monstro. Lembrando que os papéis do gigante pertenciam à Em Theay e sua filha e também à Kim Bun Thom: “Eu pedi a elas, apenas como um experimento, que usassem a máscara do monstro como Pol Pot - para ser Pol Pot. Elas, na verdade, escreveram discursos como Pol Pot. Isso não está na performance, mas sinto que foi um estágio importante do processo. Gostaria de voltar a isso, porque sinto que um dos processos finais para se pacificar com aqueles tempos, é colocar-se no lugar do antagonista. Também tenho a idéia de um processo de três anos numa universidade cambojana, trabalhando com um tradutor, para traduzir a história de Em Theay com uma ópera tradicional e assim manter aquela forma também.”

Continuum será apresentado em Singapura e há convites para a Austrália, Dinamarca e Alemanha, e outros ainda por vir. O esforço principal é levantar fundos para trazê-la ao Camboja, mas não para Tuol Sleng ou um lugar como esse: “Se queremos fazer uma apresentação sobre o processo de cura do povo cambojano, temos que encontrar um local acessível para eles”. Qualquer apresentação encontraria oposição – muitas pessoas querem seguir adiante e eles ficariam com raiva por terem pessoas remexendo no passado. A pressão intensa agora é para se tornar parte do novo movimento econômico global e dar as costas para o passado desastroso, já que Angkor se torna um destino turístico proeminente. Quando a companhia voltou à vila dos campos de trabalho, ela encontrou crianças que não acreditavam que havia valas coletivas ali. Elas achavam, que seus pais e avós estavam criando um mito.”

Mas há razões para se ter esperanças – novas esperanças. Quando eles foram para os campos de trabalho, os moradores dos vilarejos disseram a eles que há algumas semanas atrás, alguém tinha ido até lá em busca dos ossos da mãe. Ele era de Phom Penh e tinha ido sozinho. Talvez agora que a vida está mais estável, um sinal de aumento no interesse privado em tentar, esteja chegando a um bom termo.

E exatamente nessa semana (24 de julho) Seth Mydans noticiou no New York Times, que “o senado cambojano aprovava unanimemente uma lei, que permite a criação de um tribunal internacional para julgar os líderes sobreviventes do Khmer Rouge, o movimento comunista responsável pela morte de mais de um milhão de pessoas entre 1975 e 1979. A lei ainda aguarda a aprovação final pelo Conselho Constitucional e pelo rei Norodom Sihanouk”. Após revisão e aprovação das Nações Unidas, um julgamento poderá então ser iniciado.

“Espero que quando apresentarmos *Continuum* no Camboja, outras pessoas possam começar a fazer coisas como essa e que comecem a pensar sobre suas vidas pessoais como inspiração para uma nova mitologia” – reflete Keng Sen. “Talvez nosso projeto venha a se exaurir em si mesmo. Talvez, algum dia, essas quatro pessoas, possam não mais sentir a necessidade de fazê-lo. Isto é o que penso hoje e o que espero que aconteça. É muito estranho, porque como artista, você está sempre querendo prolongar a vida de um trabalho. Mas nesse caso, tenho esperanças de que, algum dia, isso não seja mais necessário”.

67

Ficha Técnica:

Concepção/ direção: ONG Keng Sem

Performers: Kosal Mann, Theay Em, Kim Ann Thong, Bunthom Kim

Iluminação: Scott ZIELINSKI, recriada por Thomas DUNN

Trilha Sonora: Sze Hsing, FUKUOKA Yutaka

Produção/ gerente de tournê: TAY Tong

Chefe de Palco: Lisa PORTER

Tradutor: Rithisal KANG

Assistant Stage Manager: Emily Hayes

Cine FID 15 anos

Filmes: “Dominique Mercy danse Pina Bausch” (2003) e “Josef Nadj – Última Paisagem” (2006)

Apresentação: 29 de outubro, sábado.

19 horas

Local: Multiespaço Oi Futuro (AV. Afonso Pena, 4001, Térreo, bairro Mangabeiras. Tel.:(31) 3229-3131)

Duração:

“*Dominique Mercy danse Pina Bausch*” (2003): 56 minutos

“*Josef Nadj – Última Paisagem*” (2006): 51 minutos

Classificação: livre

Ingresso: Entrada gratuita. Limitada a capacidade do local.

Sinopse / Release

“*Dominique Mercy danse Pina Bausch*” (2003) - 56' Documentário, o filme retrata a trajetória de um dançarino excepcional, bem como a história do seu encontro e da colaboração exemplar que desenvolveu com uma das principais figuras da dança contemporânea – uma colaboração artística e uma amizade nunca denegadas em 30 anos, nas quais a necessidade de afirmação individual nunca foi maior que a generosidade, a modéstia e a dedicação à obra. Membro do Tanztheater de Wuppertal desde a sua fundação, em 1973, Dominique Mercy é um personagem indissociável da aventura artística de Pina Bausch e da maioria das suas criações. A sua virtuosidade, a qualidade peculiar do seu movimento, o domínio da arte e o leque de possibilidades que ele oferece – aliados à capacidade de superar a técnica, de liberarse, – bem como as suas qualidades humanas e a natureza do seu compromisso, fizeram com que se tornasse um dos mais notáveis intérpretes da coreógrafa. Para compor este retrato sensível, complementado com os testemunhos de Pina Bausch, Françoise Adret, Jean Babilée, Carolyn Carlson, Malou Airaud e Lutz Gregor, o coreógrafo e dançarino Régis Obadia dialogou longamente com Dominique Mercy, investigando diversos aspectos do seu trabalho: tempo de pesquisa, ensaios, ensino, etc. com o auxílio de fotografias e trechos de espetáculos, ele mostra a evolução de um ser que se dedicou totalmente à sua arte. *M. B.*

Sinopse / Release:

“*Josef Nadj – Última Paisagem*” (2006) - 51' Documentário. Neste produziu, a memória geográfica é o interesse central do coreógrafo Josef Nadj. Construindo o seu trabalho sobre dois alicerces, ele coloca em perspectiva o seu universo e o processo de criação de um dos seus espetáculos, Last Landscape, criado em parceria com o percussionista Vladimir Tarasov. Este “autorretrato frente à paisagem” explora gestos e materiais a partir de um espaço real, revisitado por

meio de desenhos, trechos do espetáculo e comentários. Partindo de uma primeira imagem, um livro aberto sobre um mapa, Josef Nadj, diretor do Centro Coreográfico Nacional de Orléans, conduz o espectador à essência do seu trabalho, evocando a porosidade das fronteiras: as da sua terra natal, Voivodina, no interior da Hungria (atualmente região da Sérvia), bem como o seu próprio gesto artístico, cujo imaginário é marcado por esta realidade geográfica e cultural. Entre elementos biográficos e exploração de uma paisagem real, próxima da cidade onde o artista nasceu – um pedaço de terra inóspita atravessada por rios de águas argilosas –, ele faz surgir a visão de um mundo remanejado para o palco. Desenhar no papel ou com o movimento e deixar o papel ou o corpo impregnarem-se com esses sinais misteriosos têm por origem uma mesma preocupação do artista: “acolher uma outra verdade, a efemeridade, a transição e a partilha com o público.”

I. F.

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “Kneeding”

Companhia: Jefta van Dinther (Holanda)

Apresentação: 1º de novembro, terça-feira e 02 de novembro, quarta-feira.
19 horas

Local: Funarte MG (Rua Januária, 68, Floresta. Tel.:(31) 3213-7112)

Classificação: Livre

Duração: 50 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos:

Na bilheteria do Teatro no dia da apresentação duas horas antes.

Sinopse / Release:

Kneeding é uma coreografia para três homens. Explora as relações entre o que acontece dentro de um corpo e fora dele: como os processos internos se manifestam externamente e como as influências externas afetam dentro. A palpável realidade da matéria – o corpo dançante e seus ambientes táteis – tudo isso combinado com a realidade imaterial da imaginação. Dessa maneira, *Kneeding* negocia fisicalidade e psicologia, entre “amassar” e “necessitar”. Com o movimento contínuo de “um corpo que bomba”, *Kneeding* traça seu caminho através do entrelaçamento de espaços da mente e do resto do corpo, sustentando um ambiente constantemente instável. Dançando, os bailarinos desafiam sua própria auto-percepção, gerando uma introspecção que desperta forças centrípetas e centrífugas. Sentados em uma disposição que ocupa os três lados em torno dos bailarinos, os espectadores se tornam testemunhas desse esforço. Eles são cúmplices no ato de produzir e coletar imagens que vão surgindo, e às vezes, estão mesmo literalmente implicados nos eventos que se materializam entre os bailarinos.

Críticas

Exploração cativa de partes do corpo e da dança

Não há uma única linha reta no conceito de *Kneeding*, coreografia de Jefta van Dinther. Durante 50 minutos é como se os três bailarinos virassem seus corpos do avesso, examinando-os através de movimentos peculiares. Os músculos se amassam, rolam e mudam a concepção de cada parte do corpo num fluxo contínuo que também inclui os músculos da face. O público senta-se em três lados do palco, perto dos bailarinos e com uma perspectiva aberta entre os espectadores. Às vezes é tão divertido estudar as reações dos espectadores quanto estudar a coreografia em si mesma. Porque é impossível não ser afetado por ela em sua

forma física distinta. O tronco longo de Jefta van Dinther, a mímica expressiva de Frederic Gies e o torso contorcido de Thiago Granato enviam sinais diretamente para dentro do corpo do espectador.

Kneeding é um jogo de palavras entre “amassar” e “necessitar”. A peça é uma investigação de algumas idéias específicas, onde método e sistema geram a própria coreografia. O processo se transforma na performance. Mas ela está longe de algo seco; e sim muito próxima de algo não usual. Os bailarinos interagem através de algumas formas de acordo e olhares, mas mantêm suas próprias expressões individuais. Por alguns breves momentos eles se tocam curiosamente: costas, joelho. Em alguns momentos, você pode discernir o que é ironia, quando o trio se move diagonalmente em câmera lenta, evocando atletas tensos na busca de seu objetivo.

Entretanto, os movimentos não são ilustrativos, mesmo que possam ser lidos como grotescos. Porém depois de uma pausa curta contra a parede, quando a trilha de David Kiers torna-se mais forte e mais ritmada, os bailarinos de repente começam a se comunicar através de gestos e bocas que formam palavras sem sons, voltadas para nós e entre eles.

71

Kneeding deixa as ondas de movimento se deslocarem dos pés para cima, do primeiro possível passo intuitivo até que atinja um tipo de intelecto que permanece dependente da ferramenta física do bailarino.

O trio curiosamente lida com o interior e o exterior do corpo em cada movimento usando um conceito da peça que conseqüentemente os fazem se aprofundar em questões. Em *Weld* (teatro em Stockolmo) a dança está sendo reexaminada – é cativante e fascinante.

Uma masculinidade com a qual não estamos acostumados

Kneeding é uma combinação de duas palavras: *needing* (necessitar) e *kneading* (amassar). Os três homens na coreografia de Jefta van Dinther (inclusive ele mesmo, que também dança) dão expressão a essas duas palavras no palco. Vestidos de jeans e camisetas comuns com os pés descalços no chão de madeira, eles se movimentam como se estivessem em transe, lutando contra uma força invisível, começando em silêncio e lentamente ficando mais e mais frenéticos. Como se tivessem uma besta dentro de seus corpos que não quer abandoná-los.

Os homens se viram do avesso, movem-se para frente e para trás, se arrastam pelo chão - perto, muito perto do público. O som emerge dos corpos e a falta de ar pode ser ouvida claramente no silêncio total, o que provoca gargalhadas do público aqui e ali. Quando um dos homens dança na minha frente, eu não sei aonde focar

meu olhar e acho que isso é exatamente o que van Dinther quer: o fato raro de se estudar o homem como objeto. Desafiar nosso olhar para vermos o corpo masculino de uma maneira com a qual não estamos normalmente acostumados. Há tensão sexual, na forma como eles se movem em direção uns dos outros, mas é muito mais sobre a exploração que fazem uns dos outros do que sobre nos questionar, questionar o público.

Quando os bailarinos começam a se mover em direção uns aos outros, eles também começam a se explorar, mas é mais curiosidade do que sexualidade. Como espectador, eu penso sobre sexo, isso é inevitável e ao mesmo tempo interessante. De repente, a performance deixa de ser sobre os bailarinos e passa a ser sobre mim mesmo. A dança propõe várias questões para nós enquanto espectadores. Isso também é o melhor de *Kneeding*: desafiar nossos conceitos sobre masculinidade.

Finalmente, é sobre resistência, a luta interior. A dança torna-se um símbolo para o desejo. E se torna ainda mais efetiva quando os bailarinos desafiam nosso olhar. Eles querem que vejamos sua dor, sua luta. A dança se transforma numa expressão de uma masculinidade com a qual não estamos habituados.

72

Para se agarrar à realidade encenada

Finalmente, o método de se auto-amassar é introduzido por Jefta van Dinther na dança... Com essas conquistas TQW veio para o topo em seu primeiro dia de *Parcours an den Grenzen zur Berührung in Tanz und Performance* mit dem Titel *Scores #1: touché...* o irônico trio masculino de Jefta van Dinther se encaixa perfeitamente: o corpo masculino em crise e como uma caricatura do herói patriarca. Em *Kneeding* (um jogo de palavras com os termos em inglês *kneading* e *needing*) o homem se encontra num processo de transformação. Ele se vira do avesso. Fazendo isso, todas as caricaturas da representação masculina tornam-se visíveis como um último gesto de rebeldia.

Helmut Ploebst, DER STANDARD 20.04.2010 Áustria.

Jefta van Dinther (SE/NL)

Coreógrafo e bailarino que trabalha entre Amsterdam, Stockholm e Berlim. Ele cresceu na Suécia e depois mudou para a Holanda e se graduou em Amsterdam School of the Arts (MTD) em 2003. Jefta cria performances sozinho e em colaboração com outros artistas. Seu trabalho de dança inclui *The Blanket Dance* (2011), que foi criado em colaboração com Frederic Gies e DD Dorvillier. A performance anterior *Kneeding* – uma coreografia para três homens – estreiou em Amsterdam em 2010 e ainda está em tourné. Em 2009 ele fez o quinteto *The Way*

Things Go – uma escultura de causa e efeito que se move vagarosamente. Juntamente com Mette Ingvartsen ele criou a performance *IT'S IN THE AIR*. Atualmente ainda trabalha e viaja em tournés em performances de Mette Ingvartsen, Xavier Le Roy and Ivana Muller. Trabalhou como performer com vários coreógrafos, incluindo Frederic Gies, Keren Levi, Leine/Roebana, Pere Faura, Carolien Hermans, Martin Butler and Inari Salmivaara. Ele ensina coreografia, compartilhando seus métodos de trabalho e práticas. Durante 2008 e 2009 foi um dos participantes do projeto 6 Months 1 Location (6M1L), um experimento em educação, produção e pesquisa no Centro Coreográfico Nacional de Montpellier. Juntamente com outros participantes do 6M1L ele foi co-curador do In-Presentable Festival 2009 em Madrid e também organizou o The Living Room Festival. Atualmente trabalha em um novo projeto com a designer de luz Minna Tiikkainen que estreiará no Weld em Estocolmo em dezembro de 2011. www.jeftavandinther.com

Frédéric Gies (F/DE)

Coreógrafo e bailarino. Vive e trabalha em Berlim, e faz parte do coletivo Praticable, juntamente com Isabelle Schad, Odile Seitz e Frederic de Carlo. Suas peças recentes incluem Album (Praticable) (2009) e Dance (Praticable), que existe em uma versão solo (2006) e em uma versão coletiva (2008). Ele publicou o “score” de Dance e textos de Bojana Cvejic, Petra Sabisch, Simon Hecquet e Sabine Prokhoris (www.dancepraticable.net). Juntamente com Andrea Keiz ele fez também um DVD de trabalhos em vídeo que é parte do projeto Album (Praticable). Em colaboração com Jefta van Dinther e DD Dorvillier criou The Blanket Dance (2011), com Alice Chauchat, ele criou The breast piece (Praticable) (2007), e juntamente com Manuel Pelmus, Bruno Pocheron e Isabelle Schad, a performance Still Lives (2006).

Thiago Granato (BR)

Coreógrafo e bailarino, que vive e trabalha na Europa desde 2008. Atualmente colabora com os artistas da dança Mathilde Monnier, Jefta van Dinther, Énora Rivière, Cecília Bengolea, François Chaignaud, Sandro Amaral, Marcela Donato e Neto Machado. É colaborador internacional do Festival Contemporâneo de Dança de São Paulo. Formado em dança clássica, moderna e contemporânea. Desde 1998, desenvolve seu próprio trabalho como coreógrafo. Entre seus trabalhos estão: ALGODÃO (1998) e ONDE ESTÃO OS CAVALEIROS (2000), em colaboração com Simone Mello, DOBRA (2004) em colaboração com Laura Samy, PLANO B (2008) em colaboração Cristian Duarte, WE ARE NOT SUPERFICIAL, WE LOVE PENETRATION (2008) e TOMBO (2009). De 2000 a 2008 desenvolveu trabalhos em colaboração com coreógrafos brasileiros tais como: Adriana Grechi, Lia Rodrigues, João Saldanha, Cristina Moura e Thelma Bonavita. Participou do

projeto Ex.e.r.ce 8, coordenado por Xavier Le Roy, no Centro Coreográfico Nacional de Montpellier, dirigido por Mathilde Monnier.

David Kiers (NL)

Formou-se pelo programa de graduação Sonology no the Royal Conservatory in Den Haag, Holanda. Nos últimos anos seu foco principal como artista de som e imagem tem sido a colaboração com Gideon Kiers e Lucas van der Velden no coletivo theTelcosystems moniker (<http://www.telcosystems.net>). A pesquisa desenvolvida por eles por uma linguagem pessoal no mundo abstrato do som e da imagem gerados por computador produziu uma sequência, instalações e curtas metragens que têm sido mostrados e indicados à prêmios mundo afora (Sonar/Barcelona, de Appel/Amsterdam, International Short Film Festival/Oberhausen, Boijmans van Beuningen/Rotterdam, New York Digital Salon, ArsElectronica/Linz, Cyberarts Festival/Boston, International Film Festival Rotterdam, Transmediale/Berlin, Wood Street Galleries/Pittsburgh USA). Em 2009 Telcosystems recebeu o prêmio Gus Van Sant para melhor filme experimental, para o curta do coletivo Loud things. Além disso, ele compôs trilhas para várias produções de teatro e vídeo como as peças do Panic Production: Dead Meat ('07) e Private Dancer ('08), e ainda Skubriocha, uma performance poética sonora com Valeri Scherstjanoi, encenada durante o International Poetry Festival em Berlim em 2007.

74

Ficha Técnica:

Conceito: Jefta van Dinther

Criação e performers: Jefta van Dinther, Frederic Gies e Thiago Granato

Som: David Kiers

Produção: Frascati Productions

Apoio: 6M1L e Estúdio Nave, São Paulo

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “Rosas danst Rosas”

Companhia: Cie Rosas (Bélgica)

Apresentação: 1º de novembro, terça-feira.

20 horas e 30 minutos

Local: Grande Teatro Sesc Palladium (Rua Rio de Janeiro, 1046. Tel.:(31) 3214-5350)

Classificação: 12 anos

Duração: 100 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse / Release:

Em *Rosas danst Rosas*, a repetitividade da música e do movimento iniciada em *Fase* são desenvolvidas mais profundamente. A música de Thierry De Mey e Peter Vermeersch foi criada simultaneamente e em interação com a coreografia. *Rosas danst Rosas* traz quatro bailarinos relacionando-se entre eles e cinco capítulos cheios de intensa energia física. O ímpeto nessa máquina do corpo é moderado por uma série de “movimentos cotidianos muito familiares”: a abstração então se transforma em uma série de pequenas narrativas concretas que o espectador reconhece e pelas quais é movido.

75

A Cie Rosas

Rosas é a companhia de dança e também a estrutura de produção construídas em torno da coreógrafa e bailarina Anne Teresa De Keersmaeker. Ela atraiu imediatamente a atenção da cena da dança internacional com seu lançamento, em 1982, pela coreografia: *Fase quatro movimentos para a música de Steve Reich*. Nos últimos 27 anos, De Keersmaeker tem criado, juntamente com sua companhia, uma quantidade impressionante de obras coreográficas, ópera e peças que unem teatro e dança. A dança da Rosas é pura escrita com movimento no tempo e no espaço. Uma relação entre movimento e música reside em sua essência. Em algumas produções a relação entre dança e texto é também pesquisada.

Rosas é uma das poucas companhias com um corpo permanente de bailarinos. Anne Teresa De Keersmaeker optou decisivamente por um modelo organizacional que transcendesse a orientação através de projetos, permitindo um contínuo trabalho intensivo com cada bailarino individualmente. Na maior parte das produções da companhia, todos os bailarinos estão no palco. Além disso, há algumas produções menores, nas quais a própria De Keersmaeker dança. Enquanto cria novas produções, Rosas segue apresentando o repertório da

companhia. Dessa forma, seu próprio passado artístico pode ser levado às novas gerações de bailarinos e ao público em geral.

Rosas tem fortes conexões internacionais e atua nos principais espaços da dança contemporânea na Europa e no mundo. Ao mesmo tempo, sua permanência na Bélgica continua sendo uma prioridade. Além de uma longa parceria com os maiores centros de arte do país, Rosas coopera também com um circuito de pequenos espaços. A companhia tem uma proposta explícita de arte educação e vem, através dos anos, devotando uma grande dose de atenção e energia aos projetos educacionais e participativos. Esse esforço será ainda mais intensificado nos anos que estão por vir. Rosas é um centro aberto e divide sua infra estrutura não somente com o coletivo *P.A.R.T.S.*, mas também com o grupo de música contemporânea *Ictus*, o *Workspace Brussels*, os convidados do *Summer Studios* e diversas companhias que ensaiam em nossos estúdios. Nossos setores especializados em gerência, comunicação e administração são colocados à disposição dos projetos convidados desenvolvidos dentro do fluxo artístico de *De Keersmaeker*. Isso significa que o espaço localizado em Van Voxemlaan, Vorst, transformou-se num local perfeito para trocas, um terreno fértil onde talentos artísticos jovens e já estabelecidos se encontram e se enriquecem.

76

Rosas tem o apoio das autoridades belgas.

Anne Teresa De Keersmaeker

No começo dos anos Oitenta, quando o cenário artístico permitiu que a dança ganhasse ainda mais proeminência, a jovem de vinte anos, Anne Teresa De Keersmaeker, apresentou sua primeira peça: *Asch*. Ex-aluna do MUDRA, escola fundada por Maurice Béjart, ela estava prestes a dar uma orientação totalmente nova à dança no Flanders, parte belga cuja língua é o flamenco. Em 1981, ela foi estudar na New York Tisch School of the Arts, onde teve seu primeiro contato com a dança pós-moderna americana.

A influência daquele período ficou clara em seu segundo trabalho, *Fase, quatro movimentos para a música de Steve Reich*, em 1982. Esse trabalho foi extremamente bem recebido. Como resultado, em 1983, De Keersmaeker fundou sua própria companhia de dança, a Rosas, que apresentou então *Rosas danst Rosas*. Mais uma vez, a música, de Thierry De Mey e Peter Vermeersch, composta em conjunto com a criação da coreografia, foi a força motriz por trás da dança. Essa relação especial entre dança e música estava para se tornar uma constante no trabalho de Anne Teresa De Keersmaeker.

Da peça *Rosas danst Rosas* em diante, as atividades de De Keersmaeker têm sido consistentes, ainda que sempre inesperadas. Durante os primeiros anos, ela pôde

contar com o apoio de Hugo De Greef, diretor do Kaaitheter em Bruxelas. Diversas produções bastante variadas seguiram-se numa rápida sucessão: *Elena's Aria* (1984); *Bartók/Aantekeningen* (1986); *Verkommenes Ufer/Medeamaterial/Landschaft mit Argonauten* (1987) e *Mikrokosmos* (1987). *Ottone, Ottonne*, de 1988, foi sua primeira produção para um grande palco. As linhas tensas das peças anteriores deram espaço a um novo conceito estético com um distinto sentimento figurativo. Em 1990, De Keersmaeker criou *Stela*, uma "peça de mulheres", onde seu estilo pessoal de trabalhar com bailarinos atingem o topo. No mesmo ano, *Achterland* foi também apresentada. Sua trilha, composta por Györgi Ligeti e Eugène Ysaÿe foi executada ao vivo no palco. Os músicos eram visualmente integrados no cenário e os bailarinos levavam sua presença totalmente em consideração.

Uma ligação similar com a música seria também encontrada em *ERTS*, de 1992, na qual o uso de vídeos era outro elemento importante. Além disso, já que a música também era executada ao vivo, *ERTS* tornou-se uma verdadeira produção de larga escala. Isso pode ser parcialmente explicado pelo fato de que em 1992, a convite de Bernard Foccroulle, Rosas iniciaria sua residência na ópera nacional belga - La Monnaie Theatre em Bruxelas. Nesse novo cenário, Anne Teresa De Keersmaeker, traça para si mesma, três objetivos: intensificar ainda mais a conexão entre dança e música, estabelecer um repertório e criar uma nova escola de dança na Bélgica para preencher a lacuna deixada pelo desaparecimento da MUDRA de Bruxelas em 1988. Nessa época o trabalho de Anne Teresa De Keersmaeker já havia recebido total reconhecimento, tanto nacional quanto internacionalmente.

Em 1982, ela foi convidada para estreiar sua *Mozart/ Concert Aria's Moto di Gioia* no famoso "Cour d'Honneur" do Festival de Avignon. No mesmo ano, Peter Greenaway filmou *Rosa*, uma coreografia criada especificamente para a tela, no foyer da Ghent Opera House. Em 1993, o programa de dança do Holland Festival foi completamente dedicado à De Keersmaeker, com várias remontagens e a estréia de *Toccata. Kinok*, criada em colaboração com Thierry De Mey e a Ictus Ensemble, foi apresentada no KunstenFESTIVALdesArts in 1994. Era a precursora de *Amor Constante más allá de la muerte*, uma coreografia musicalmente complexa e virtuosa que estreou no mesmo ano. *Amor Constante* é uma performance que marcou claramente a evolução da dança de De Keersmaeker. Partindo de um vocabulário de dança inteiramente designado para atender ao seu próprio corpo, a coreógrafa desenvolveu um idioma bastante ligado à performers específicos. A força dessa dança está na associação de um vocabulário bastante impetuoso e pessoal com uma estrutura particularmente poderosa. Na medida em que a companhia se expandia, a linguagem coreográfica adquiria um vocabulário cada vez mais enraizado classicamente e excepcionalmente homogêneo.

Em 1995, De Keersmaeker criou *Verklärte Nacht* for the Schönberg programme *Erwartung / Verklärte Nacht* no La Monnaie. No ano seguinte, vários elementos dessa produção foram desenvolvidos mais profundamente em *Woud, três movimentos para a música de Berg, Schönberg e Wagner*. Ainda em 1995, Rosas e La Monnaie criaram o projeto educacional internacional P.A.R.T.S., Performing Arts Research and Training Studios – Estúdios de Treinamento e Pesquisa em Artes Performáticas, dirigido por Anne Teresa De Keersmaeker. No curso de seu programa de três anos, os alunos são treinados em todas as principais técnicas de dança. Mas esta é uma escola de dança com um diferencial já que também possui um foco maior na música e no teatro e pretende dar um background intelectual completo.

No final de 1997, De Keersmaeker mais uma vez deu vazão ao seu amor pela música em *Just Before*, uma compilação de trabalhos de Magnus Lindberg, John Cage, Yannis Xenakis, Steve Reich, Pierre Bartholomé, e Thierry De Mey. Em 1998, ela se aprofundou nessa “tendência musical” de duas maneiras diferentes. Dirigiu sua primeira ópera, *Bartók's Blue-Beard's Castle* e em *Drumming* ela utilizou mais uma vez a música de Steve Reich como fundação de uma coreografia poderosa, altamente energética e vigorosa.

78

Um aspecto ainda mais importante de *Just Before* foi a associação de dança e texto. *Tippeke*, o curta-metragem que abria *Woud*, foi talvez o primeiro passo nessa direção. Nesse filme, De Keersmaeker vaga pela floresta enquanto recita uma canção de ninar. Como se vê comumente nesse tipo de poema, ela conecta movimentos específicos a palavras chave no texto. *Just Before* foi uma primeira grande produção a trabalhar na exploração da junção de texto e dança, sentido e movimento, linguagem e corpo. Nesse estudo, Anne Teresa De Keersmaeker teve o apoio de sua irmã, Jolente, membro da companhia de teatro STAN.

Três outras apresentações são planejadas para o futuro. Em março de 1999, uma bailarina do Rosas e um ator do STAN atuaram juntos em Heiner Müller's *Quartett*, seguidos em maio de 1999 por *I said I*, uma coreografia que estudava mais aprofundadamente a relação entre texto e movimento através do texto de Peter Handke, *Selbstbeziehung (Self-Accusation)*. Em 2000, o trabalho culminou em *In Real Time*, um grande projeto no qual todos os bailarinos do Rosas, todos os atores do STAN e os músicos da banda Aka Moon são reunidos no palco.

O ano de 2001 viu o retorno de uso somente de dança com *Rain*, criado para *Music for 18 musicians* de Steve Reich. Mais tarde, naquele ano, *Small hands (out of the lie of no)* significou o retorno à intimidade. É uma coreografia dançada por Anne Teresa De Keersmaeker e Cynthia Loemij, em um palco oval cercado pela platéia.

Entre 2001 e 2002, Rosas celebrou seu vigésimo aniversário e seus dez anos como companhia residente no Monnaie Theatre, a Ópera Nacional Belga em Bruxelas. Muitos eventos se realizaram: os “text pieces” foram revividos. Houve uma festival Repertory Evening, performances com música ao vivo de *Drumming e Rain*, e uma grande criação nova: (*but if a look should*) *April me*. Em novembro de 2002, Anne Teresa De Keersmaeker dançou seu segundo solo depois de *Violin Phase*, parte de *Fase: Once*, criado para *In Concert Part 2*, de 1963 de Joan Baez. As festividades dos vinte anos do Rosas foram concluídas com a publicação de um livro com 336 páginas sobre o Rosas e uma grande exposição retrospectiva no Brussels Palais des Beaux-Arts.

O ano de 2003 trouxe uma nova evolução no repertório do Rosas com a peça *Bitches Brew / Tacoma Narrows* que introduziu improvisação em cena no repertório da companhia. O ano de 2004 marcou um novo estágio na colaboração entre Anne Teresa e sua irmã Jolente na peça para teatro *Kassandra*.

Mais tarde, no mesmo ano, Anne Teresa De Keersmaeker criou *Desh* com Marion Ballester que em 2005, foi expandida para uma noite inteira de performance com Salva Sanchis, e exatamente como em *Raga for the Rainy Season / A Love Supreme*, ela confrontou e uniu a música indiana e o jazz.

79

A criação de 2006, *D'un soir un jour*, introduziu Claude Debussy na já longa lista de Figuras de inspiração musical de George Benjamin. Posteriormente, ainda naquele ano, uma segunda Repertory Evening revive 3 of Music no BAM – Brooklyn Academy of Music (NY). Este prestigioso centro de artes de Nova York celebra o 70º aniversário de Steve Reich. Anne Teresa De Keersmaeker é convidada para abrir o festival.

No ano de 2006, acontece uma primeira colaboração com a artista visual Ann Veronica Janssens: *Keeping Still* é “um solo com um parceiro” para De Keersmaeker, um diálogo com as esculturas de luz sensoriais e espaciais de Janssens. Em 2008, De Keersmaeker e o pianista e compositor Alain Franco escolhem por trabalhar com a música de J.S. Bach, A. Webern e A. Schönberg e criam *Zeitung*. Nesse trabalho, música e dança não se encontram na base de qualquer similaridade ou paralelo, mas na interseção de ambas. *The Song* (2009) é uma colaboração mais forte com Ann Veronica Janssens e Michel François. Dez bailarinos – nove homens e uma mulher – estão em um palco despidos dos componentes elementares do teatro: luz, som e movimento. Embora o *White Album* dos Beatles seja uma estrutura oculta (subjacente) nessa performance, *The Song* é executada na maior parte do tempo em silêncio.

Em fevereiro de 2010, De Keersmaeker cria *3Abschied* com Jérôme Bel. Em 9 de julho de 2010 vemos a estréia de *En Attendant* no the Cloître des Célestins em Avignon.

Ficha Técnica:

Criação: Adriana Borriello, Anne Teresa De Keersmaecker, Michèle Anne De Mey, Fumiyo Ikeda

Bailarinos: Sandra Oretga, Tale Dolven, Elisaveta Penkova, Sue Yeon Youn

Coreografia: Anne Teresa De Keersmaecker

Elenco: (4 dançarinos, elenco que se revesa): Anne Teresa De Keersmaecker, Moya Michael, Cynthia Loemij, Sarah Ludi, Samantha Van Wissen, Tale Dolven, Sandra Ortega Bejarano, Elizaveta Penkova, Sue-Yeon Youn

Som: Thierry De Mey, Peter Vermeersch

Música: Steve Reich

Set Design Anne Teresa De Keersmaecker

Iluminação: Remon Fromont

Produção: Production: Rosas @ la Monnaie/De Munt

Figurino: Rosas

FID Conexão InterNacional

Espetáculo: “En Attendant”

Companhia: Cie Rosas (Bélgica)

Apresentação: 02 de novembro, quarta-feira.

20 horas e 30 minutos

Local: Grande Teatro do Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 1537, Centro).

Tel.:(31) 3236-7400)

Classificação: 12 anos

Duração: 100 minutos

Ingresso: R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia entrada)

Venda de ingressos: Na bilheteria do Teatro a partir do dia 14/10.

Sinopse / Release:

Em *En Attendant*, Anne Teresa De Keersmaecker dá um novo passo em sua exploração da combinação entre música e dança. Depois de Bach e Webern em *Zeitung*, os Beatles em *The Song* e Mahler em *3Abschied*, desta vez seu ponto de partida é *Ars Subtilior*: uma forma de música polifônica complexa e intelectual do século XIV baseada em dissonância e contraste. *Ars Subtilior* desenvolveu-se nas ruínas da “peste” e da Igreja, numa época em que os pilares sociais, políticos e religiosos da sociedade medieval estavam fragmentados. Nos dias de hoje este rompimento parece mais relevante do que nunca. À luz dos eventos cada vez confusos de nossos dias e da complexidade de escolhas que enfrentamos, a questão à respeito de nossa mortalidade e fisicalidade está se tornando ainda mais crucial.

81

Ficha Técnica:

Concepção, direção e coreografia: Anne Teresa de Keersmaecker

Criação e elenco: Bostjan Antoncic, Carlos Garbin, Cynthia Loemij, Mark Lorimer, Mikael Marklund, Chrysa Parkinson, Sandy Williams, Sue-Yeon Youn

Dançarinos: Bostjan Antoncic, Carlos Garbin, Cynthia Loemij, Mark Lorimer, Mikael Marklund, Chrysa Parkinson, Sandy Williams, Sue Yeon Youn

Coreografia: Anne Teresa De Keersmaecker

Músicos: Bart Coen (flauta doce), Annelies Van Gramberen (cantora), Birgit Goris (rabeça) e Michael Schmid (flauta)

Cenografia: Set designer: Michel François

Figurinista: Anne-Cathérine Kunz

Som: Alex Fostier

Produção: Cie Rosas